



Luisa

## SUA MAGESTADE EL-REI O SENHOR D. LUIZ I



ncerrou-se ha pouco entre prantos um reinado breve nos annos, mas grande em exemplos e virtudes. Cinge a corôa um soberano, tambem mancebo, tambem desejoso de ser amado com igual extremo, tambem filho em tudo das bellas e puras tradiçôes hebidas com o leite da educação materna.

As paginas do novo livro, aberto hontem, ainda estão em branco e ao porvir pertence enche-l-as. Por em quanto não podemos lêr no frontespicio senão um nome e uma data; o nome diz-nos o coração que ha de assignalar-se no espinhoso officio de rei; a data, ao lado da nodoa de tantas lagrimas sinceras, descobre-nos a esperança, começando a traçar as primeiras linhas de melhores futuros.

A Senhora D. Maria II, como a imperatriz Maria Theresa d'Austria, não foi só uma rainha notavel pelas prendas varonís; foi mais; foi mãe inimitavel, educadora zelosa, e modelo constante das perfeiçôes, que possuiu o raro segredo de incutir no tenro animo de toda uma geração de principes.

Quando a morte chegou não esperada e veio cerrar-lhe os olhos, quando o sceptro lhe escapou das mãos já frias, aquella nobre alma, ao desprender-se do mundo, fitando sobre os que deixava um derradeiro olhar de infinito amor, pôde elevar-se ao seio da immortalidade com a sublime confiança, de que o maior e mais duravel monumento da sua memoria seriam as qualidades do espirito e do character, o culto da honra e do dever, a religião da liberdade e o entranhavel affecto pela terra natal, que a sua disvelada ternura soubera gravar no peito de tantos filhos, creando-os para não estranharem como homens os trabalhos da vida, e educando-os, como cidadãos, para depois, rei e infantes, fazerem sobresahir a purpura pelo esplendor das virtudes.

Esta herança, cem vezes mais preciosa, do que a propria corôa, é a que torna os nossos principes tão queridos dos subditos. Suave e grandiosa recompensa a que não chegam de certo as pompas da mais orgulhosa realza, os trophéos de admiradas victorias, ou os brazões de opulentas conquistas.

A dynastia de Aviz, firmada como a actual pela espada de um rei soldado, realçou do mesmo modo a sua gloriosa origem. Os filhos de D. João I e de D. Filippa de Lencastre foram sempre os primeiros na apurada côrte de seus paes, não só pelo nascimento, mas porque ninguem os excedia, e poucos se lhes podiam comparar como cavalleiros no primor das armas, como esclarecidos cultores das letras e das artes no ardor do estudo.

Quiz a providencia, que o ditoso fado de uma heroica raça se repetisse em nossos dias na familia da Senhora D. Maria II. Nenhum dos irmãos do Senhor D. Pedro V desmentiu as esperanças da sua educação; nenhum deixou em qualquer lance de corresponder ao que exigiam de seus brios a nobresa do sangue e a nobresa dos sentimentos. É por isso, que no meio do assombro e desalento das tragicas scenas da epidemia, que assolou a capital, nós contemplámos o herdeiro da rainha, aprendendo como D. Duarte nas lições do infortunio a sciencia de reinar pelo amor e pelo sacrificio, offerecendo-se sem ostentação em holocausto ao flagello, e encarando a cada momento a morte com serena intrepidez, quando a cidade inteira tremia consternada por si e por elle, entre lutos, gemidos e amarguras.

Dominado pelo mesmo austero principio vimol-o depois enxugar á purpura as lagrimas de homem, e sentindo despedaçarse-lhe o peito já retalhado de tantas magoas, rei e christão, levantar-se de junto do sepulchro da esposa para volver, obreiro incansavel e submisso ao dever, com o luto da viuvez estampa-

do no rosto, ás fadigas e cuidados do poder, quando os espinhos da corôa o punham mais, avivando-lhe a recordação inconsolável d'aquella, que sentada um instante ao seu lado, espirito já do céo mesmo no desterro do mundo, lhe voára dos braços para o ir esperar aos pés de Deus.

Todos os netos do imperador sahiram dignos do glorioso fundador da dynastia. Ligados pelo estreito vinculo do mais carinhoso affecto, e como que não formando todos senão uma só alma, compozeram sempre uma familia tão unida, tão intima e tão igual nas prendas e sentimentos, que nunca nem a sombra leve de qualquer momentaneo dissabor veio offuscar o brilho da estremosa amisade, que os fez viver a mesma vida, e que por arrebatada e ardente converteu para dois d'elles, rei e infante, a dôr e a saudade em funestas precursoras da mesma morte.

O Senhor D. Luiz I desde que abriu os olhos, e principiou a madrugalar-lhe a razão, nunca observou outros exemplos, nem seguio outros preceitos. As adulações, cujo incenso tem cegado tantos monarchas nas desamparadas eminencias do throno, nunca acharam entrada nos paços de sua mãe, nem no seu animo e no de seus irmãos para os corromper. A jactanciosa ignorancia de reputar ainda hoje o estudo e o trabalho como desdouro das elevadas jerarchias, nunca lhe mereceu senão desprezo. Convencido de que os titulos adquiridos enobrecem tanto, ou mais que os herdados, buscou na applicação aos livros e no exercicio da profissão, que abraçára, uma carreira honrosa e uma illustração pessoal. Sabendo que o sangue nobre obriga, desde a juventude mais tenra empenhou todos os esforços para realçar com as palmas de navegador e de soldado o seu berço de principe.

A educação do rei actual, como a de todos os filhos da Senhora D. Maria II, foi esmerada e completa. As linguas vivas, as linguas mortas, as disciplinas, que os nossos antigos denominavam humanidades, e as sciencias mathematicas, ensinadas por mestres não só diligentes e zelosos, mas competentes, e honrosamente abonados pelos seus escriptos, occuparam a assiduidade e a facil penetração do infante. A natural propenção inclinava-o sobre tudo para algumas d'ellas, em que sobresahio com merecido louvor.

O desenho, a musica, a esgrima, e a gymnastica aprendidas como recreação dos estudos mais austeros, não acharam menos disposta a sua indole para acolher e aproveitar o que as boas artes promettem a quem sabe estimal-as, e alcança tornar-se familiar com ellas.

Nascido em 31 de outubro de 1838, um anno depois do se

nhor D. Pedro v, e obedecendo á vocação precoce, assentou praça na armada aos oito annos de idade, e foi nomeado guarda marinha em 9 de outubro de 1846. Promovido ao posto de segundo tenente em 19 de maio de 1851, ao de capitão tenente em 29 de outubro de 1854, e ao de capitão de fragata em 24 de março de 1858 encetou com menos de vinte annos a vida do mar, assumindo em 12 de setembro de 1857 o commando do brigue *Pedro Nunes*, e cruzando na costa de Portugal desde o dia 18 de janeiro do seguinte anno sujeito aos incommodos e obrigações do serviço como simples official.

Desde então as viagens seguiram-se umas ás outras, e os largos horisontes da trabalhosa carreira, que preferira, começaram a dilatar-se diante da vista do mancebo, que tão gloriosas memorias convidavam a presar como primeiras armas do seu entusiasmo juvenil as solitarias conversações de um espirito desejoso de grandes coisas com a solidão das aguas, com o culto heroico das epochas mais notaveis da nossa historia, e com os sonhos de nobre ambição, que nenhuma poesia inspira e eleva tanto, como a que brota nas vigalias do convez do espectaculo da immensidade das aguas, quando a noite, o silencio, e até as estrellas do céu fallam do passado, e sobre tudo em uma alma nova redobram a saudade do vasto imperio, que a victoria nos ganhou, e que o infortunio dos tempos e o erro dos homens nos fez perder.

Nomeado commandante da curveta *Bartholomeu Dias* em 12 de junho de 1858, querendo justificar a escolha de El-rei seu irmão, se respirava alguns dias no seio da familia e nos braços dos que o amavam, era para tornar logo a partir em demanda de novos climas e de novos trabalhos.

Em outubro de 1858 visitou a Madeira e os Açores; em abril de 1858 entrou pela primeira vez os portos de Inglaterra; e em 14 de maio do mesmo anno repetio a jornada, conduzindo a seu bordo Sua Alteza a Senhora D. Maria Anna e o principe Jorge, seu esposo.

No mez de setembro de 1859, sendo já capitão de mar e guerra desde 9 de março, verificou-se a viagem a Marrocos, intentada por El-rei o Senhor D. Fernando em companhia do Infante, seu filho, e descripta em um jornal d'esse tempo com circumstanciada noticia. Se a brevidade, porém, nos obriga a abstermo-nos de traçarmos a descripção d'estas escursões, e especialmente da ultima, tão curiosa e instructiva sobre tudo para portuguezes, seja-nos licito dar ao menos uma succinta idéa do modo porque em Angola foi recebido o Senhor D. Luiz em agosto de 1860.

Clamam tão alto por todos nós as possessões ultramarinas, ricas em si mesmas, abençoadas de todos os beneficios, que a providencia a poucas liberalisou com mão tão larga, que a nosso vér fóra reprehensivel omissão o deixarmos de commemorar os jubilos, que a presença do infante dispertou, e que, segundo esperamos, o seu reinado confirmará de certo, estendendo um braço valedor áquellas remotas regiões, que suspiram por quem queira conhecel-as e possa ajudal-as.

A curveta *Bartholomeu Dias* aportou a Loanda com vinte e nove dias de bonançosa navegação. Á noticia da sua chegada e do real hospede, que ía receber, toda a cidade, mudada a usual tristesa nas gallas e festejos da mais sincera alegria, póde dizer-se que acudiu ao caes e logares visinhos, inquieta e anciosa por ver o primeiro principe portuguez, que de tão longe vinha augurar-lhe mais felizes dias.

Fecharam-se as repartições, embandeiraram-se espontaneamente os navios nacionaes de guerra e mercantes, e com elles embandeirou-se a curveta franceza *La Recherche*, que não quiz desmentir a cortezia do seu pavilhão em occasião de geral regosijo. O senhor D. Luiz saltou em terra ás nove horas da manhã do dia 9 de setembro no meio do cortejo formado pelo conselho do governo, camara municipal, corpo consular, corpo do commercio, empregados civís e militares, e por todos os cidadãos distinctos.

No rosto juvenil do infante, tão parecido nas feições e na expressão da physionomia a sua mãe, a rainha D. Maria, luctavam os encontrados affectos, provocados pela novidade da scena e dos logares, pela idéa de tantas grandezas decahidas, e pelo legitimo orgulho de se julgar talvez fadado a reparal-as, continuando na aventureosa carreira, que mal sabia então, que cedo havia de encerrar-se para elle depois d'estas risonhas promessas.

A voz das multidões repetiu por muito tempo a aclamação do nome do principe, e os cordeaes emboras á sua vinda, e unida ao estallar das numerosas girandolas, que subiam aos ares, annunciou que o irmão do rei de Portugal, o descendente de D. João II, de D. Manuel e de D. João IV, acabava de pizar aquellas praias, em que mãos victoriosas tinham erguido primeiro um dos eternos padrões ás nossas glorias navaes. As casas e varandas, que olhavam para as ruas por onde havia de passar o prestito, armadas de colchas de seda, e de estandartes, que a brisa desdobrava lentamente, matisavam o quadro pela variedade de suas côres, e com os adornos trajados pelas damas,

que n'este dia povoavam as janellas de ordinario quasi sempre desertas.

Offerecidas as chaves da cidade e depositadas pela camara municipal nas mãos do infante, depois de uma breve allocução, que elle agradeceu em concisas e urbanas phrazes, Sua Alteza encaminhou-se debaixo do pallio á igreja cathedral. Ás portas do templo estava-o aguardando o vigario capitular rodeado do cabido e da collegiada de cruz alçada; e cumprida a costumada cerimonia religiosa de oscular o devoto crucifixo, apresentado sobre uma almofada de veludo, entrou o lusido cortejo na Sé, aonde assistio á missa solemne e ao Te-Deum cantado em acção de graças pela feliz chegada do infante portuguez.

Terminadas as funcções do culto, o Senhor D. Luiz, a cavallo, levando ao seu lado o governador geral, e seguido do chefe e mais officiaes do estado maior, e de uma força de cavallaria dirigiu-se ao palacio do governo, aonde ao meio dia se verificou a recepção official. Ahi o principe, cujo agrado lhe havia já captivado as vontades, desde que se achava no centro d'aquella população, tão leal e fervorosa no seu affecto, respondendo ao discurso recitado pelo presidente da camara em nome do municipio de Loanda e dos habitantes da provincia, rematou a conquista dos animos pela prudencia e discernimento da sua replica, na qual, inculcando as necessidades publicas da localidade, a que mais instava prover de prompto, assegurou aos vereadores e a todos os moradores em geral, que nunca se esqueceria d'este dia, um dos mais bellos da sua vida, nem da promessa, que lhes fazia de se lembrar, a fim de a favorecer, de uma terra, que só carecia da protecção e vigilancia da metropole para convalescer da sua prostração e competir com as mais invejadas colonias na riqueza do commercio e prosperidade da cultura.

Ás cinco horas da tarde, ao levantar-se da mesa, onde lhe fôra servido um refresco sumptuoso, a benignidade da temperatura convidou o infante a não demorar para outra occasião a sua visita ao hospital da mizericordia, do qual faz tambem parte o hospital militar; e seguido dos funcionarios e das pessoas, que o estavam acompanhando, para lá se encaminhou a pé. Entrado nas enfermarias e nas diversas officinas manifestou em todas a piedade do seu coração, e os mais vivos desejos, de que o estabelecimento podesse corresponder aos fins da sua instituição.

Regressando depois ao palacio, e tornando a montar a cavallo, desceu á cidade baixa, e apeou-se á porta do *Recolhimento Pio de D. Pedro V*, que percorreu com a mesma benevola e esclarecida solicitude. Por fim desceu ao caes e despedio-se ali do conse-

lho do governo, da camara, e das auctoridades, que não se separaram, em quanto o não viram metter no escaler e voltar ao seu navio.

Um brinde generoso logo no seguinte dia yeio avivar a grata presença do hospede, que Loanda festejava com tanto amor. O Senhor D. Luiz offereceu sessenta libras para serem distribuidas pelos prezos pobres e pelas instituições de charidade. Foi a sua despedida aos infortunios e padecimentos, que a vista do irmão de El-rei começára a suavisar, e que humano por indole e educação elle não soube contemplar sem se condoer profundamente.

Pouco tempo podia conceder a esta escursão tão digna de um principé navegador, e tão util em si mesma como testemunho e penhor do affectuoso cuidado, que a provincia de Angola deve merecer ao governo de Portugal. Quiz ao menos aproveitá-lo; e cortando pelas proprias commodidades, ainda mal repousado das fadigas da viagem para affrontar os ardores e os perigos do clima, voltou de novo a terra, mas quasi incognito, e prohibindo qualquer ostentação, com o intento de ver pelos seus olhos os quartéis militares e a fortaleza de S. Miguel. Encontrou em quasi todos ruinas, desamparo, e pobreza; e a melancolia do semblante, mais ainda que a das palavras, atestou o pêsar que lhe causava o espectáculo d'esta assolação. Os males, filhos de antigas negligencias, e mais ainda da culpa dos acontecimentos, do que do erro de ministros e empregados incapazes de vencerem difficuldades, que se não debellam sem vigorosos esforços e uma serie de providencias dictadas pelo exácto conhecimento do estado e recursos das nossas possessões, teem-se ido agravando como succede sempre com os annos, e hoje, mais do que nunca, o dilema aperta e urge imperiosamente por uma solução.

«Ser, ou não ser!» eis a unica e concisa significação de uma decadencia, a que não podemos, a que não devemos deixar de acudir sem arriscarmos com inercia indesculpavel a integridade d'aquelle solo tão extenso e tantas vezes regado do sangue portuguez, as tradições da nossa bandeira, hasteada em triumpho n'aquellas ameias, que se desmoronam por si mesmas, e as grandes, não phantasiadas, mas realisaveis, que a rainha da Africa occidental promette a quem não lhe adormecer ao lado descrente e fatigado antes de metter a mão na empresa, de que outros povos nos estão dando o exemplo, e de a enriquecermos, enriquecendo-nos, com os fructos da industria e da civilisação.

No dia 14 de setembro disse o Senhor D. Luiz o ultimo adeus á cidade de Loanda, e ás tres horas da tarde a curveta *Bartholo-*



*meu Dias* suspendia ancoras, e principiava a sua navegação para volver á patria no meio das salvas das fortalezas e navios de guerra nacionaes e estrangeiros, e da viva saudade dos habitantes, que seguiam com os olhos humidos o navio, que para tão longe lhes levava o principe, que tinham visto surgir no seu porto como uma esperança radiosa, e que se recolhia agora, coberto de bençãos, para ser no reino o protector, e o defensor dos grandes interesses, que suspiram desvalidos por mão poderosa, que os afague, dirija, e fortifique.

Os annos de 1860 e 1861, depois da viagem de Angola, não foram menos activos para o principe. A vocação impellia-o; a vida da cõrte era para elle apenas como uma pausa, como um momento dado ás affeições da alma e ás alegrias da familia entre duas fadigas. Quasi sempre embarcado, e sempre devorado da impaciencia de arar de novo o oceano e de aprender, (mal imaginava que a reinar!) no livro mais instructivo de todos, o dos costumes, artes, e politica das nações estranhas, vemol-o em abril de 1861 voltar á Madeira e a Gibraltar, em agosto voar á Southampton para conduzir o principe Leopoldo, esposo prometido de sua formosa irmã a Senhora Infanta D. Antonia, em setembro sahir a barra para ir ao encontro de El-rei D. Pedro, que voltava da sua visita á exposição industrial do Porto, ultimo acto dos seus trabalhos de rei, e finalmente em 18 de setembro reconduzir os consortes, depois das festas e risos de um matrimonio auspicioso, desferindo as vellas para Anveres, depois de apertar nos braços, cuidando ser por dias, quando era pela derradeira vez, o estremoso irmão, que para adoçar as penas e as tristezas do apartamento ia decidir-se a emprehender a fatal jornada, d'onde trouxe a morte.

N'esta viagem, que havia de ser a ultima como infante, a fortuna pareceu como que empenhada em lhe esconder entre sorrisos a adversidade, que alçava na sombra a mão pesada de luto e de castigos sobre o paço dos nossos reis. Ao lado da princeza tão meiga e gentil, tão saudosa dos seus e da patria, sentindo a curveta escorregar veloz pela face das aguas, e vendo desaparecer a pouco e pouco na distancia as costas de Portugal, quem diria ao infante, que tão cedo o esperavam uma corõa e as prisões da realza em vez da liberdade do seu navio, da isempção de viajante, e da activa e aproveitada existencia, que desde a flor da juventude lhe tecera dias tão suaves e serenos?

Acompanhava-o o Senhor D. João, e achavam-se ambos na cõrte do imperador dos francezes para participarem dos festejos de Compiegne, quando um telegramma expedido pelo ministro dos

Negocios Estrangeiros ao visconde de Paiva veio ferir repentinamente a ambos. Era a noticia da morte do Senhor Infante D. Fernando; era a primeira data funebre, que abria a funesta serie de calamidades, que tornaram tristemente memoravel o anno de 1861. O despacho enviado aos principes passou primeiro pelas mãos de Luiz Napoleão, que os predizpoz para o golpe que iam receber, sem com tudo lhes revelar toda a verdade. Em Paris é que souberam que tinham um irmão de menos.

Embarcando-se á pressa em Southampton a bordo do vapor *Oneida*, os dois infantes, com o coração repartido entre a dor e as vivas apprehensões, que lhes suscitava o caracter de El-rei D. Pedro, contavam as horas com a afflicção de quem sente o coração adivinhar-lhe maiores lances, e não póde correr adiante do perigo, nem ao menos consolar-se com a idéa do sacrificio. Quatro dias e meio durou a navegação do paquete, e com ella o martyrio incomportavel, que padeceram. N'este curto espaço quantas lagrimas, quantas novidades crueis! Que sombrios os esperavam a cidade e o reino! As bandeiras funebrememente arriadas a meia haste, as boccas dos canhões inflammando-se de intervallo em intervallo para soltarem o gemido lugubre do bronze, e o ar melancolico, que parecia vestir de crepe as fortalezas e todos os objectos foram para os dois viajantes o primeiro annuncio de uma immensa perda.

O vapor entrou a barra sobre a madrugada do dia 14 de novembro, e ás sete horas da manhã o Senhor D. Luiz e o Senhor D. João desembarcavam no caes de Belem. Um numeroso concurso de povo, mudo e compadecido, vio atravessar os principes consternados, e inclinando-se á sua dôr correspondeu ás lagrimas que lhes borbulhavam nos olhos com o pranto silencioso, que é o mais bello e verdadeiro epitaphio dos Reis, quando passam do throno para o sepulchro.

Uma palavra só, o tratamento de magestade dado ao Infante pelo presidente do conselho de ministros, tinha logo a bordo rasgado o véo, justificando o doloroso presentimento do seu coração! Ainda lhe restava depois de cingir o diadema, e de opprimir os hombros, tão livres antes, com a purpura real, exgotar os ultimos sorvos do calix, que a providencia lhe destinava.

O amigo da sua infancia, o irmão tão intimo da sua alma e do seu affecto, o confidente e companheiro d'aquelles quatro dias de amarguras agonisadas no mar; o Senhor Infante D. João havia de ser a ultima victima da fatal enfermidade, que de uma dynastia tão viçosa e extensa poupou sómente dois principes, um ainda desfalecido da sua terrivel lucta com a morte, o ou-

tro, apesar de superior pelo sentimento do dever á fraqueza humana, accusando na subita palidez do semblante os tormentos, que uma vontade firme consegue consumir consigo, mas que nunca, por maior que seja a magnanimidade do animo, se calam de modo, que as não denuncie uma lagrima furtiva, um suspiro, uma sombra, memoria do tumulto, que vem gelar de repente o sorriso, que principiavam a abrir os labios, ou amortecer a animação, em que a vista parecia prometter, que a alma começava a esquecer-se.

O tempo, supremo consolador dos grandes infortunios, ha de suavisar tambem estes, que raras vezes terão sido igualados. A dôr aguda succederá a saudade, lenta e duravel, em que revive meiga e melancolica a doce imagem dos que perdemos, e que anjos pela virtude só nos precederam, quebrando mais cedo os ferros do seu desterro. Os reis são pastores de povos, e chamam por elles a um tempo tantas vozes, tantos cuidados, e tantas desgraças, que fôra um delicto n'elles lembrarem-se mais das magoas domesticas, do que das tristezas e miserias publicas.

O Senhor D. Luiz I, apesar das preoccupações de uma existencia tão activa e distrahida, como a que seguiu desde a infancia, acostumou-se de mui cedo a empregar na leitura, não só dos livros da sua profissão, de que possui uma copiosa e escolhida colleção, mas das obras poeticas de maior vulto, os curtos ocios, que lhe consentiam os seus deveres militares.

N'esta parte, como em muitas outras, a natural inclinação leva-o a apreciar os bons modelos, e a deleitar-se na sua conversação, chegando a esquecer as horas arrebatado pela admiração, que lhe inspiram. Um exemplo notavel d'esta prenda, que nos principes tanto mais realça o bom character, quanto é menos frequente, foi-nos communicado pelo nosso amigo o sr. Antonio Feliciano de Castilho, o mimoso cantor da solidão e melancolia, o primoroso traductor, ou mais exacto ainda, o feliz competidor de Ovidio, tão seu parente nas qualidades do engenho e na mestria dos metros.

Um dos filhos do nosso grande poeta, o sr. Augusto de Castilho, aspirante de marinha, o qual, sem por ora ter usado do seu intimo commercio com as musas, as trata e estima como quem sente em si o ardor da sua chamma, teve occasião de observar o muito que ellas mereciam ao gosto delicado do principe. Era em agosto de 1860, e a curveta *Bartholomeu Dias*, entranhava-se pelas solidões do oceano, buscando o porto de Angola. Constou ao Senhor D. Luiz, que o novo aspirante, mancebo, e de uma familia em que os dons da poesia quasi se herdam com

o berço, se não havia produzido ainda os fructos, que a vocação precoce amadurece para bem poucos na primeira juventude, possuía o precioso e entre nós rarissimo condão de sentir como nenhum as bellezas do verso, e de as incutir pelo ouvido na alma do seu auditorio por meio de uma recitação tão affectuosa, tão rica de todos os tons e cambiantes, que esmaltam a fórmula do pensamento poetico, que o trecho mais escolhido e admirado, passando pela sua voz parece novo, ou parece outro, com tanta verdade e singelesa sabe expol-o, com tão poderosa e insinuante arte sabe graduar-lhe as côres e avivar-lhe os traços!

Os serões a bordo são monotonos e muitas vezes doe de veras no coração do maritimo aquelle sonhar acordado por longo espaço sempre com os olhos nas aguas, nas estrellas, e na immensidade, de que o mar envolto em silencio e coberto dos véos da noite, é a mais sublime imagem.

Em que se ha de pensar ali senão na grandeza de Deus, senão na terra, nas suas illusões, e nas esperanças que de lá nos acenam, abreviando as distancias e carregando de promessas os sorrisos?

N'essas horas, pois, que a idade do infante e a do moço official ainda tornavam mais poeticas, o Senhor D. Luiz convidava o aspirante para a sua camara, e varias vezes os dois embebidos na leitura das paginas do auctor de Jocelyn, ou do cantor das *Folhas do Outono* e das *Odes e Balladas*, deixando voar a phantasia enlevada, nem se apercebiam de como o tempo lhes fugia.

Quando as leituras se interrompiam por qualquer motivo, entravam ambos de ordinario na apreciação e comparação dos poetas, e o Senhor Infante, discorrendo solto de preconceitos e fóra da mais leve idéa de ostentação, mostrava n'estes colloquios não só um largo conhecimento dos principaes escriptores de cada uma das linguas, em que falla e escreve, mas tambem, o que ainda é menos vulgar, um grande discernimento e muito apurada critica em estremar o mau do bom, e do bom o melhor.

A sua predilecção por Victor Hugo, o rei dos lyricos modernos, cujos canticos ama e relé de modo que, segundo se julga, sabe de cór muitos versos, confirma o juizo, que formam do seu engenho as pessoas, que de mais perto o avaliam.

Nada mais acrescentaremos. Hoje o Senhor D. Luiz é Rei e na vida dos reis encerra-se a historia dos povos.

Do principe dissemos quanto bastava para se conhecer o que elle foi como filho, como irmão, e como official do mar. Comieça o seu reinado; deixemos ao tempo a missão de o commemorar devidamente.

Depois de tantos infortunios a Providencia ha de conceder-nos alguns annos de luz e de serenidade. O novo Soberano aprendeu a reinar no meio das lagrimas; é a lição severa, mas necessaria da realza actual. Sem se padecer e chorar não se compadecem bem os males dos outros.

Ao Rei cumpre-lhe continuar a obra de sua mãe e de seu irmão, cingindo a corôa; a nós cabe-nos rodear o throno constitucional do fervoroso affecto, com que os povos recompensam os bons monarchas. Possa o suave e meigo vulto da esperanza, que nos sorri ao descerrar os amplos horisontes do futuro, desfazer pôr uma vez todas as trevas, e aplacar para sempre as tempestades. Já não é cedo para se levantar de cima de nós a mão do castigo; tantos prantos se derramaram, e tão dolorosas provações nos teem experimentado, que a expiação deve de estar satisfeita.

L. A. REBELLO DA SILVA.



lia tão facilmente os caprichos e necessidades da phantasia com as tendencias do peito angustiado de sensações penosas.

O auctor não o sabe. Mas que importa o titulo? Importa, oh! se importa! Importa sobre tudo ás imaginações femininas, ou áquellas imaginações romanescas e namoradas, que, se não são femininas, vivem como ellas das suas illusões, dos seus sonhos, das suas saudades; vivem emfim de todo esse mundo de affectos em que o coração e a phantasia tomam partes eguaes, e que fazem dos primeiros annos da existencia da mulher um sacrario, que o mysterio recata e o amor inflamma. E é por isto que o titulo de contos ao luar sobressalta e accorda lembranças e sympathias. Lembram-nos aquelles lances da nossa existencia que já não voltam: recordam protestos, talvez prejurados, e avivam a imagem de alguma noite feliz. E quem sabe se querem dizer as confidencias segredadas a medo debaixo do copado ulmeiro, em noite estiva? ou pintar-nos-hão aquelle poetico passeio, rio abaixo, em barquinho que tranquillo deslisava pelas ondas, como tranquillias dislisavam brandas e fagueiras as horas para os venturosos entes que iam dentro? Ou serão antes a recordação das promessas que o delirio arrancou dos labios frementes de paixão ao par que fugiu do reboliço do baile, e que veiu, no eirado, no caramachão, ou junto ao lago do jardim, respirar as auras da madrugada, os perfumes das flores que o orvalho da noite reverdecera, os brandos e tepidos suspiros da natureza no seu acordar, porque as luzes dos salões, os olhares importunos dos convidados e as indagações da curiosidade indiscreta eram prisão suffocadora para aquellas almas, que só entre as ramadas das murtheiras e espreitadas pelo frouxo olhar da lua, sentem prazer em desabafar o immenso affecto que os attrahe e devora?

Serão tudo isto os *Contos ao luar*? São; e se todas estas scenas as não bafeja a viração perfumada da noite, senão as poetisa e envolve, como de attractivos mysterios, a penumbra da claridade incerta da lua, todas ellas pertencem a esta ordem de sensações. O titulo inculca-lhes mais a natureza, que lhes descreve o sitio e a occasião. A juventude brincando com o amor e o amor vingando-se da leviandade com que o pretende tractar a juventude, é a fabula constante que se reparte nos diversos episodios do livro do espirituoso folhetinista da *Revolução*.

Mas diversas impressões motivam estes quadros, e lá está um ou dois, que se desligam de taes sentimentos para deixarem voar mais desafogada a penna do escriptor, que a sabe temperar, como poucos, nas côres vivas e naturaes do estylo narrativo.

*As festas da Nazareth e Uma recita do Roberto do Diabo*, são duas formosas *diabruras* d'este genero.

*Diabruras!*... *diabruras*, sim; e permittam-me o termo, porque só elle exprime aquelle estylo facil, travesso, galhofeiro, e ao mesmo tempo assombreado de ligeiros toques sentimentaes, como o despertaria na imaginação a imagem do rosto da donzella triste e sympathica, visto n'um baile, atravez da vertigem da polka que doudeja.

Eu estou certo que muitos leitores gostarão talvez mais do *Pedrinho*, por exemplo, d'essa pobre creança devorada pelas chamas de um amor prematuro, ou das *Memorias de um baile*, singular aventura de dois corações que se amam, e que o destino separa; mas eu acho mais originalidade, encontro mais o escriptor, palpo, reconheço mais a sua individualidade litteraria nas *Festas da Nazareth*. Ler aquella narrativa, é viajar com Machado; é ouvir-lhe as suas observações vivas, e salgadas de amavel ironia; é observal-o e applaudil-o no seu modo facil de ver as coisas, facilidade que não exclue a observação do analysta perspicaz, nem o acérto, nem até o fundo philosophico do moralista embora jovial e ligeiro. Como aquella companhia de comicos ambulantes é descripta! Com que verdade a penna de Machado, como se fosse o lapis de Gavarni, traça rapido os perfis truanescos d'aquella pobre gente, que disfarça as miserias reaes da sua existencia com a fingida alegria com que entertem o publico! Como depois vem a descripção do arraial da Nazareth, e sobretudo a pintura da rocha, onde se realisou o milagre! Que poesia, solemne e triste como as ondas que vem quebrar-se n'aquelles fragedos, reveste todo este quadro! A praia lá em baixo, o mar a rugir ao longe, e cá em cima, a topetar com as nuvens, a penedia erguendo-se como um pensamento religioso que se alevante para Deus!

Como é grande, como é magnifico tudo isto!

A *Recita do Roberto do Diabo* é um chistoso brinquedo, que dá a lembrar os vãos phantasticos de Hoffmann combinados com as tintas frescas e risonhas de Méry. Aquella mistura de phantastico da narrativa da opera de Meyerbeer, com os toques epygrammaticos da figura do *homem pequenino*, que se imagina um Holofernes domestico, forma um bello jogo do comico e terrivel, do familiar e extraordinario. Ha Edgar Poe, ha Alexandre Dumas, ha Archim de Arnim em tudo isto.

*Salvador e Magdalena* é um caso da vida, como muitos que por ahi se dão, e que nascem e expiram ignorados no tumulto da sociedade indifferente. Não tem novidade, não tem enredo; os



seus mesmos personagens não dizem nem fazem coisas novas; mas toda esta aventura é amimada de certa poesia de sentimento e de estylo, que a faz ler com agrado.

Quizera talvez menos abandono; que n'alguma d'estas paginas se deixasse correr menos a penna; quizera que Machado, como o cavalleiro que confia demasiado na rapidez e segurança do corcel e negligentemente lhe larga a redea, não se entregasse tão ás cegas ao acaso da sua veia fluente e rapida. As carreiras precipitadas nem sempre deixam de ser temerarias, porque as forças e pericia do volteador, não desfazem as escabrosidades do terreno. Como nas vistas de theatro, que o scenographo pintou tambem a correr e a largo traço, o escriptor deve repousar de vez em quando e olhar de longe o seu trabalho, porque é assim, em globo, no conjuncto harmonioso do seu todo, que lhe abrange o complexo, lhe differença os defeitos, e o aperfeiçoa.

Mas estes defeitos são largamente compensados. Este desalinho, no estylo de Machado, é a forma natural, espontanea, transparente do desalinho das idéas, gracioso desalinho que só póde ser comparavel ao adejar doudejante da borboleta, que agora esvoaça de flôr em flôr, expandindo as azas cambiantes pelo prado risonho e matisado, agora volteja sobre a bacia do lago cujas agoas torvas não se atreve a passar. E esta mistura de melancolia e prazer, semelhante ao baile que resoa alegrias, em quanto a um lado suspira a donzella ferida do perjurio do amante que a abandonou, é a verdadeira expressão do talento do auctor dos *Contos ao luar*, talento que precisa de achar a forma facil, que não a escolhe, que nem a prepara, nem a embelleza, porque tem na phantasia fogos impetuosos para desafogar, e no coração gemidos sinceros que necessitam de allivio.

Prosigamos na leitura do livro.

Como é melancolico o conto dos *Pescadores de Lessa da Palmeira*!... Bem se vê que lhe servem de quadro as rochas aridas e tristes que se aprumam ao longo da costa, onde os olhos, estendendo-se ao largo, encontram só a immensidão das aguas que vae fechar com a cinta affogueada do horisonte!

Diz mad. de Stael que os habitantes das costas são sempre poetas, e poetas de sentimental e triste poesia, porque o aspecto immenso das ondas, imagem do infinito, engrandece a imaginação e eleva o espirito. E isto é verdade. Machado tambem o diz; e dil-o porque o sentiu e ouviu, quando visitou as praias de Lessa da Palmeira. Vejam como elle o exprime com tanta naturalidade.

«... Quando alguma vez, por estar mui rijo o vento, e o mar

em vagalhões, não podiam sair á pesca (os barqueiros), o pobre rapaz passava a tarde na praia, ajudando a concertar as redes, e deixando insensivelmente correr o pranto pelas faces.

«—Que diabo tens tu, rapaz? perguntavam-lhe os companheiros.

«—Tristezas a que sou dado! respondia elle, sorrindo e disfarçando. Isto é do sitio!

«Os barqueiros espalhavam a vista em redor, e pareciam dar-lhe razão. A natureza, ali, é tudo; natureza agreste, ainda que cheia de encantos em todo o seu tom de melancholia, de saudade e de fé. Rio, arvores e mar! Está-se bem ali, mas sente-se a necessidade de chorar!»

Este conto é um dos que revelam mais a indole poetica do auctor. Parece até que Machado nasceu em frente da poesia solemne e triste das aguas. Como é bem contada a lenda do Senhor de Mattosinhos, lenda que a crença popular conserva, do mesmo modo que o mar conserva e respeita a singella capelinha edificada na praia, indo beijar-lhe os muros, quando a tempestade o impelle a esse arrojo!

Depois vem a noite de S. João, essa noite de amores e presagios por que aneia o coração da donzella, e na qual a credulidade do povo vê mil vaticinios proferidos á luz das fogueiras, no redemoinhar doudejante das danças, nos esconjuros que o amor consulta, e que ainda passados tempos lembram com terror ou saudade. Poetica e popularissima noite que os moços convertem n'um periodo feliz da sua existencia, e a que os proprios velhos assistem com as lagrimas nos olhos, porque se lembram da mocidade, que já vae longe e não volta!

Estas crenças e festas populares nada perdem da sua feição primitiva descriptas por Machado, antes adquirem uma certa cor de tristeza, um poetico vago, que lembra alguma coisa o ideal da melancholia allemã.

Só encontro um defeito nos *Pescadores de Lessa*: é não falar aquella boa gente a sua linguagem propria. A sr.<sup>a</sup> Anna exprime-se como uma pessoa da córte; e mais ou menos os outros individuos d'este quadro maritimo, por acaso atinam com a poetica e singella linguagem da gente do mar. É esta uma das maiores difficuldades n'estes estudos populares, porque é o seu viver, o seu pensar, a sua physionomia, manifestado tudo na palavra.

Dos *Noivos* declaro que não gosto tanto. Aqui o talento febril de Machado, que borbolotéa como o esmaltado insecto que salta de flor em flor, dá-lhe para ser philosopho e até dissertativo.

Vejam que transtorno!

O dialogo toma por vezes o tom, e até as pretensões de uma catachese sentimental. O amor é mais discutido, que sentido n'este conto. Carlos Eduardo, quando namora, moralisa, critica, chega a prégar; e os amantes sentem apenas, apaixonam-se. Carminho é que é uma creatura sympathica; inconsequente, sim, mas reproduzindo naturalmente a phrenetica volubilidade dos quinze annos na mulher. O seu amante é que não passa de mais um d'estes Desgenais, que só Octavio Feuillet soube exceder na feliz creação do seu cavalheiro Carniole. Estes moralistas, que andam á espreita da primeira palavra que escapa, de qualquer suspiro que labios distraídos soltem, de um vestido mais curto que appareça n'um passeio, ou de uma mulher de trinta annos que dance a polka, para nos dizerem que o mundo está perdido, e isto no tom grave e sisudo das maximas de La Rochefoucauld, estes moralistas fazem-me lembrar aquelle personagem de uma comedia de Régner, que destampava com a mulher, com os filhos, e até com a propria visinhança, querendo-os chamar aos bons caminhos, e ia depois mui satisfeito de si mesmo passar a noite em casa da amasia!...

Passemos agora a outro livro, em tudo diverso dos *Contos ao luar*, porque nem é de *contos*, porque é de historia, e historia escripta na memoria e no coração do povo, nem tão pouco fóra inspirado pelas impressões da poesia suave, senão pelas recordações patrioticas da independencia de Portugal.

É difficil passar de um livro romanesco a outro de historia, e de historia severa, porque o auctor dos *Brios Heroicos* inqueriu os archivos, manuseou as chronicas e devassou as épocas para aquilatar a verdade dos factos que tomou por assumpto na galeria dos quadros que nos apresenta.

E realmente, a nenhuma coisa pode melhor comparar-se esta obra do sr. Pereira da Cunha do que a uma galeria de familia, onde o respeito dos seus e a veneração tradicional hajam collocado os diversos retratos dos varões e donas, brasões irrefragaveis da nobreza de uma longa estyrpe.

Mas n'esta galeria, que é preclara porque a illustra o sentimento energico do amor da patria, e longa, porque abrange os factos de varios seculos, figuram só mulheres. Ha unicamente uma differença: vé-se ali a mulher do povo é a descendente dos reis, mas o affecto heroico pelas coisas da patria, egual-as a todas. Hoje a posteridade chama-lhes heroínas, e quando tiver de as mencionar, não pode deixar de colligir os seus retratos, e pendural-os todos no mesmo salão de honra, como fez o auctor dos *Brios heroicos de portuguezas*. Não longe da temerosa Ignez Negra, que

em briga singular de braço a braço defende a praça de Melgaço da invasão dos castelhanos, lá vemos surgir o vulto severo de Brites Gonsalves de Moura, a nobre e heroica personificação da castellã de outras eras; e ao lado da velha e engelhada Iria Vaz, cuja nobre indignação livra Santarem do vilipendio do jugo hespanhol, apparece a grave personagem da duqueza de Bragança, Dona Catharina, que com o desdem altivo do direito offendido despede o proprio Philippe II, e lhe mallogra os projectos de apossar-se d'estes reinos com as apparencias de legitimidade.

É mister, porém, não disfarçar o proposito d'este livro, porque o auctor é o proprio que o declara, e com o alardo que não exclue a ufania. *Não tem nenhum outro fito a obra que se vae ler*, diz o Sr. Pereira da Cunha na introdução de que a precede; e este fito (continua elle) *é pôr em relêvo o heroismo das nossas conterraneas, mais famosas pela sua adhesão á independencia e ao bom credito do reino, com o duplicado intento de concitar os brios nacionaes, por meio do influxo saudavel, e de lembrar tambem aos esquecidos que, em Portugal, muitas vezes, contra a soberba hespanhola, FORAM DE SOBRA AS MULHERES*, asserção esta que seria temeraria se não fosse verdadeira. Porque, effectivamente, poucas historias de nações conhecidas reúnem, como a historia portugueza, mais façanhas de heroismo femenino contra as tentativas do predomínio estranho. Não sei se por uma lei providencial, se por coincidência que a ironia do acaso se incumbiu de operar, muitas, ou a maxima parte das nobres repulsas com que o espirito do nosso povo sacudiu em todo o tempo as ambições de Castella, sahiram sempre de peito feminino.

E não só o peito, senão o proprio braço foi não poucas vezes o d'essas matronas, herdeiras dos brios de Veriacia, como o fez ver, entre outras, a terrivel Brites d'Almeida, a famigerada paadeira de Aljubarrota, que só á sua conta, segundo a lenda, espatifou sete castelhanos, com aquella tremenda pá de forno, que ainda se conservou depois por largo tempo em Alcobaca, apesar do empenho que Philippe II pozera em a sumir, o que nunca conseguiu, graças ás evasivas com que lhe frustraram o intento os vereadores da camara de Aljubarrota.

Mas se o intento é politico, se o intento é nacional, e por tanto nobre até certo ponto, nem por isso taes sentimentos, que aliás devem ser gratos a todos que se prazem de recordar nossas antigas glorias e brasões de independencias, desculpam algumas paginas do livro do Sr. Pereira da Cunha do azedume partidario que as irrita. A sua introdução, principalmente, chega a tomar os modos aggressivos do pamphleto faccioso. Vê-se logo que é

o missionario de uma religião politica, e seu paladino tambem, que vae fallar, e até o annuncia quasi. Esta declaração, leal e sincera declaração, sim, mas declaração de um certo credo que não é o de todos, de sympathias que tem ido escurecendo, de predilecções que já a experiencia tem apagado, de enthusiasmos que o progresso das coisas tem ido invertendo em censura, não póde deixar de pôr de sobreaviso os leitores que não se inclinam para as opiniões do Sr. Pereira da Cunha. O livro lê-se, e com desenfatio, e com desvanecimento até, porque varias das suas paginas, pelo vigor do perfil e brilho do colorido, são gloriosos retratos da nossa familia nacional, que olhos portuguezes não podem avistar sem orgulho; mas havia mais desejos de que o pintor não ataviasse todas essas nobres e audaciosas figuras de umas certas cores e insignias. O Sr. Pereira da Cunha armou-as a todas cruzadas de um pensamento politico, e mandou-as á conquista do Santo Sepulchro. . . sepulchro?! de certo, porque a historia dá passos cujo gyro não póde vir encontrar de novo as mesmas eras donde partiu. Essas encerra-as o tempo, e a renovação das idéas.

E é por isto que eu quizera que *Os brios heroicos*, sem perderem as liberdades da critica historica, fossem menos *politicos*, e sobretudo que trajassem menos os uniformes de uma determinada idéa partidaria.

E adoptando este systema não offenderia o auctor a indole das suas heroínas, porque a independencia, a altiva mãe commum da liberdade e da nacionalidade, foi sempre o voto, o fito e o blasão de todos esses animos *de antes quebrar que torcer*, que o Sr. Pereira da Cunha tão habilmente reuniu.

No entanto — diga-se a verdade para justiça feita aos raros dotes do escriptor — este proposito insistente encontra-se quasi sempre tão insinuantemente identificado com o pensamento geral das glorias d'esta terra, que ao leitor succede o que aconteceria ao individuo que pegasse de um ramo de flores, e que embevecido a contemplal-as se lhe fossem os olhos no seu matiz e os sentidos todos se lhe arrobassem nos seus aromas, sem dar porque entre ellas se escondia o espinho de um ou outro arbusto silvestre.

É este o condão dos *Brios heroicos*.

O que desejamos, em todo o caso, é que o segundo volume d'esta série appareça em breve. Queremos completa a galeria, e assim ficaremos com um livro de curiosa noticia para os investigadores da nossa historia, e de vanglorioso recreio até para o sexo feminino, que deve ser o primeiro a procurar, e a decorar

esta linhagem de mulheres heroicas, que grandes proezas irmaram na mesma familia, e onde as senhoras da presente época encontrarão motivo de orgulho, porque é sempre rasão de nobre altivez o saber que possuímos um quinhão nas glorias da patria.

*(Continua.)*

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

# CECILIA

## Drama em tres actos

Ao meu amigo Manoel de Carvalho Continho e Vascoucellos

Eine stadtkundige Coquette! im angesicht  
des ganzen Adels von Genua!

Schiller

### PERSONAGENS

Emma  
Cecilia  
Condessa do Prado  
Leonor

D. Christovão de Mello  
Visconde de Souzel  
D. Alvaro de Sousa

## ACTO PRIMEIRO

*Sala ornada com o esmero da mais caprichosa elegancia*

### SCENA I

EMMA E O VISCONDE DE SOUZEL



EMMA — Tenho pena d'este desalento de espirito, mas sinto-o e confesso-t'ó, visconde, porque o coração me diz que está chegado o fim d'estes amores que nunca deviam ter começado.

VISCONDE — Arrependes-te de me haveres amado?

EMMA — Não, mas de haver julgado eterno este amor. Sabes?... tenho saudades já da minha vida de actriz!

VISCONDE — Para que a abandonaste, se te interessava tanto essa vida?

EMMA — Fiz mal com effeito em a haver trocado pelo o amor que me foge.

VISCONDE — Não te comprehendo...

EMMA — Visconde, eu sei, sei tudo: leio na sua alma, como poderia ler n'um

livro. Pensa que não tenho estranhado, apenas porque lhe não tenho feito sentir, toda a excentricidade da sua vida de hoje! Olhe, se eu o não estimasse muito, ia dizendo quasi se eu o não amasse bastante, os actos, quaesquer que elles fossem da sua vida, podiam passar desapercebidos aos meus olhos, como passam de certo aos da maior parte da gente com quem vive; mas assim, presa, ligada ha tanto tempo já ao seu destino, a sua vida é a minha vida, não só a vida positiva, a vida real, mas a vida intima, a vida do pensamento e do coração.

VISCONDE — Ora dize-me, Emma, que ha de estranho na minha vida de hoje? Não era eu assim quando pela primeira vez te vi? Não fui sempre o que ainda hoje sou, em todo o tempo que tenho vivido contigo? E entretanto só agora me classificas de excentrico, merecendo-te a importancia de uma accusação, que tem tanto de vaga como de absurda é infundada!

EMMA — Eu não o accuso, Visconde; não sei que tenha direito para o fazer nem humildade para o tentar. Se o accusasse, lavraria a accusação com a penna com que lhe escrevesse a despedida que o separasse de mim. Visconde, não o accuso porque ama outra mulher, digo-lhe que a ama: é verdadeira ou falsa esta apprehensão em que estou?

VISCONDE — E desde quando data essa convicção?

EMMA — Desde o instante em que illudes as minhas perguntas sem saber responder-lhes.

VISCONDE — Oh! serão só de hoje os teus ciუმes!

EMMA — São; uns ciუმes loucos, doidos, furiosos até. Sinto-me uma nova Medéa.

VISCONDE — Pois é pena, porque não me acho disposto a representar o brilhante papel de Jasão. As idades mythologicas não me enthusiasmam a ponto de querer parodiar os seus heroes nos prosaicos tempos de hoje... Um argonauta de casaca e chapéo redondo seria apupado na Colchida.

EMMA — Os argonautas são de todos os tempos; e se não invejas o heroe, parodias soffrivelmente a empreza que o tornou celebre, porque corres, como elle, em demanda do velo de oiro...

VISCONDE — Por onde se vê que é rica a rival da nova Medéa...

EMMA — Rica, bonita, e nobre.

VISCONDE — Assim devia ser para que se podesse medir contigo no affecto que me inspirasse.

EMMA — Ai! Visconde, já nos amamos ha tanto tempo, que não vale a pena de ser lisonjeiro.

VISCONDE — Porque?



EMMA — Porque a lisonja, como as saudações respeitosas, usa-se apenas entre quem se não conhece de perto.

VISCONDE — Não é tanto assim; também se é lisonjeiro na intimidade, e tu mesma o estás sendo com esses fingidos ciúmes.

EMMA — Está mui pouco amavel o meu caro Visconde.

VISCONDE — Pouco amavel, não sei... sufficientemente aborrecido com certeza.

EMMA — Sim! É pena... Deve ser insoffrivel esse fastio de alma chamado aborrecimento. (*Pausa*) Não era essa a doença fatal que combatias, entregando-te desesperado á paixão frenetica do jogo?

VISCONDE — É possível.

EMMA — E já não jogas?

VISCONDE — Já não jogo.

EMMA — Perdeste o vicio, ou a fortuna para o poderes conservar?

VISCONDE — Dispenso-te de moralisar o facto...

EMMA — Com effeito! Está conciso o meu pobre Visconde; tem todos os symptomas de uma grave doença.

VISCONDE — Fisica ou moral?

EMMA — Moral... estás apaixonado.

VISCONDE — E é essa a doença moral?...

EMMA — Moral... ou immoral também; porque a tua paixão é pelo ouro da minha desgraçada rival.

VISCONDE — Ai que impertinencia de ciúmes! E essa rival falla, diz, essa rival...

EMMA — Desejas conhecê-la?

VISCONDE — Se desejo; mas que não venha escondida sob o pseudonymo de Creusa. Detesto a mythologia.

EMMA — Tens razão. A minha rival é Cecilia de Mello, filha da muito nobre e illustre condessa do Prado...

VISCONDE — (*Em tom de sobresalto*) Cecilia!...

EMMA — Sim! a linda e innocente educanda, que não aprendeu a conhecer de certo nas practicas religiosas do seu convento o amor profano que lhe entretem já a imaginação.

VISCONDE — E eu amo essa linda e innocente educanda?

EMMA — Amas, não sei porque milagrosa conversão, mas sei que a amas. É um amor puro, ingenuo, beatifico... é a perfeita realidade do romance de Saint-Pierre. É pena que no azul do céu que ambos se crearam, se divise ao longe a nuvem negra que o ha de enlutar e cobrir. (*Pausa*)

VISCONDE — Com effeito, Emma, eu amo Cecilia...

EMMA — Confessa que a amas.

VISCONDE — Confesso; amo Cecilia, como tenho amado já outras

mulheres, sem que esse amor te despertasse nunca os ciumes que hoje dizes sentir.

EMMA — É porque ha amores de amores...

VISCONDE — Não comprehendo.

EMMA — Pois é facil de comprehender. Visconde, ha que eu saiba n'isto a que os poetas chamam religião do sentimento, dois cultos differentes, absolutamente distinctos, que se não excluem reciprocamente, mas que se não combinam de certo em um mesmo pensamento de extrema dedicação para com o idolo a que elles se dirigem; um é o amor material, o amor dos sentidos, o outro é o amor sentimento, o que vive da alma, o que se nutre e abriga, penso eu, no coração. O primeiro d'estes amores é ardente como o desejo, feroso como a impaciencia, mas rapido como o brilho da luz que a passagem do raio accende no céu. O segundo é o amor que captiva o espirito, que lança na alma o fogo que cega a luz da razão, que absorve e concentra em si todos os affectos, todos os pensamentos, todas as idéas, que paralisa a acção de todas as nossas faculdades a ponto de vivermos mais da vida da pessoa que nol-o inspira, do que da propria vida que nos anima. Este amor impera sobre o espirito, mas o corpo, adormecido os sentidos, é seu escravo tambem. O primeiro d'estes amores, Visconde, não nos rouba no amante senão uma hora de ternura, a meiguice de qualquer afago, e pouco e nada mais talvez: o segundo, porém, d'esses amores condemna-nos sempre á irremissivel pena do despreso. Não nos rouba o amor, se nol-o deram, priva-nos tambem da estima, quando a merecessemos. Ora o amor que tens a Cecilia...

VISCONDE — É o amor sentimento, segundo a tua brilhante theoria?

EMMA — Não sei se é, mas aquivale a sel-o; porque Cecilia, pelas condições do seu nascimento e da sua fortuna, é a mulher que talvez hajas de escolher por esposa, e a estima que ella te inspira é o despreso por mim.

VISCONDE — Portanto exiges que eu a esqueça!

EMMA — Exigo.

VISCONDE — Mas essa exigencia é impossivel, Emma. O amor de Cecilia póde salvar-me!

EMMA — O seu amor, ou a sua riqueza!

VISCONDE — Não te dou direito a calumniar os meus sentimentos. Amo Cecilia, e só este amor me póde salvar do abysmo a que os vicios de uma vida desregrada me condemnaram.

EMMA — Ah! Nos salões da tua aristocracia, ensinam já a remir as culpas pelo amor?...

VISCONDE — Ensina-o o Evangelho.

EMMA — O Evangelho !... e desde quando o lês ?

VISCONDE — Desde que me convenci de que o impeto cego das paixões por uma só voz se póde domar, pela da religião.

EMMA — Seja ! eu creio tambem em Deus. Surprehende-me a tua contricção, mas acredito n'ella ; uma só prova, porém, exigo de ti, meu severo moralista, é o cumprimento da solemne promessa que me fizeste, dando ao meu... ao teu filho, o nome que tem direito a herdar de ti.

VISCONDE — Hei-de fazel-o.

EMMA — Sempre essa esperança vaga e indefinida...

VISCONDE — Ouve, Emma: é tempo de encararmos com coragem a realidade da nossa posição. Tu pódés, tu debes confiar nos meus sentimentos para comtigo, pelas provas de dedicação que me tens dado, e pelas que te hei merecido tambem. Se não cedo á tua exigencia, é porque circumstancias independentes da minha vontade a tornam impossivel.

EMMA — Impossivel !...

VISCONDE — Impossivel... agora...

EMMA — Impossivel agora, e impossivel sempre ; dize-o, confessa-o, que vieste aqui para m'o dizer. A solemnidade das tuas palavras já m'o havia annuciado... Quando o homem impio, que tem crestado ao fogo de quantas paixões se podem agitar no coração humano os affectos mais nobres da sua alma, procura nas palavras a nobreza que não encontra nos sentimentos, e mentindo á sua consciencia se compõe modesta e hypocritamente affectando de religioso e de moral, é porque um vil intento o anima...

VISCONDE — (*Com vehemencia.*) Emma !...

EMMA — Se achas que sou severa, levanta-te e sae ; mas agora, como sempre, o meu orgulho implacavel ha de dominar-te e vencer-te. Vieste aqui, para me abandonar, e para me humilhar tambem ; contaste com os impetos da minha colera, com o impulso da minha vaidade, com as lagrimas da minha desesperação ; contaste, sim ; dize que contaste ; pois olha, vé... repara bem... no fundo do meu coração procuro e não encontro, senão um sentimento com que te pague tal offensa, é o desprezo e a compaixão que sinto por ti, pela tua loucura, e por essa insofrida ambição que assim te obriga, a te sacrificares ao ridiculo de amar a mulher de cujos amores é rival, não eu... mas sua mãe !... Desgraçada creança a quem Deus concedeu a mãe que ella não merecia, e a quem dará talvez o amante que a não merece de certo.

VISCONDE — O que póde o despeito! Medéa tornou-se Megera.

EMMA — O despeito!... (*Emma em cujo rosto se traduzira a vehemencia das frases que dirigira ao Visconde, torna-se meiga, e, desannuviada a phisionomia da expressão de colera que por instantes a enturvára, vem sentar-se ao lado do Visconde, fallando-lhe com accento de voz vibrante de commoção.*) Despeitada, eu!... É uma sem razão, Visconde; despeitada! porque?

VISCONDE — Eu sei! A vaidade é caprichosa. Habituada ao culto severo de uma cega adoração, talvez estranhes que não seja, como foi já, tão ardente o meu zelo e tão exagerada a minha devoção. É tua a culpa, Emma; ensinaste-me a ser impio, abjurando a religião do amor que não professaste nunca.

EMMA — Sim! fatal impiedade essa que assim me priva das honras de um culto, que me não lembra nunca haver recebido! É pena; essa adoração cega que me votaste devia ter sido eterna; desvendou-te, porém, a fortuna os olhos, e fiquei apeada do pedestal que a tua cegueira me havia erigido. Ephemera divindade a minha! Durou como a realza dó theatro: o espaço apenas de uma noite...

VISCONDE — De umá noute, talvez; mas de uma longa e escura noute, Emma. O que eu soffri n'essas luctas de sentimento, a que me conduziu o amor que me mereceste, não se me apagou tão cedo da memoria, que deixe de sentir ainda hoje, que a mesma gelada ironia com que pagaste sempre tamanho affecto, seja a unica sincera demonstração de respeito pelo muito que de certo lhe deves. Compreendo, porém, que desconheças quanto tenho sentido por ti; não me surprehende isso. A ingratição é irmã gemea da vaidade, que só nos deixa consciencia para que n'ella se espelhe a nossa pessoa.

EMMA — Vaidade!... e tambem sou vaidosa... eu!...

VISCONDE — És a ultima expressão da vaidade!

EMMA — Talvez... (*Pausa.*) E com effeito tenho de que nutrir essa vaidade... (*Com ironia.*) Eu vi quebrar já o orgulho feroz de um caracter, que ninguem domára, de encontro á indifferença do meu espirito e á impassibilidade da minha vontade. Quiz e domei. O leão dos bailes perdeu a magestade da sua força e fez-se cordeiro, tocado pela vara magica da minha vontade.

VISCONDE — É sublime a metamorphose!

EMMA — Fiz mais! A um aceno meu, nascia a esperanza no coração onde ella morrêra; è fechada a campa que a impiedade entre-abrira, fazia sorrir para o amor os labios que o haviam amaldiçoado com a vida! (*Pausa*) Esta vaga reminiscencia da minha antiga força e poderio está dando á minha voz um tal

accento de gravidade tragica, Visconde, que me sinto com força ainda de calçar segunda vez o apertado colthurno, e ir rejuvenescer no palco as coróas de gloria que alli conquistei.

VISCONDE — Não vale a pena. É mais evangelica, e não menos gloriosa a tarefa que te impozeste, levando a esperança e o amor ao coração dos infelizes... Vamos; nos annaes da tua gloria não ha nenhum capitulo mais cuja citação se recommende?

EMMA — Se ha!.. Olha, uma noite, uma das mais bellas nas saudosas recordações que a arte me legou, uma notie entrava eu aqui, preocupado o espirito com a impressão que me deixára o triumpho, que acabava de ganhar na scena. Vibravam-me ainda nos ouvidos os applausos que recebera, em uma ovação que o delirio tornára frenetica; entrava aquella porta, e vi cair diante de mim, nas convulsões de uma agonia extrema, pedindo-me a absolvição plena das suas culpas, um homem que nos devaneos do seu amór, ou da sua loucura, teve a insensatez de se condemnar irremissivemente á morte, se uma palavra, uma palavra minha lhe não dissipasse a nuvem negra do *spleen* que o devorava. Essa palavra dei-a, e salvei o suicidia do abysmo da loucura e do ridiculo tambem...

VISCONDE — E esse homem era...

EMMA — Esse homem que veiu aqui para representar a comedia a que assisti cheia de compaixão e de riso, era... (*rindo*) esse homem era.... (*levantando-se e apontando para o Visconde com ar de solemne gravidade*) esse.... Não sei quando me pareceu maior se então gemendo sob o peso do ridiculo, se hoje, lançando ás faces de quem a si o chamou pela affeição desinteressada e leal a falsa moeda com que pagou taes extremos. «A ingratitude é irmã gemea da vaidade»? Será, mas o desprezo é o socio fiel do ridiculo e deve acompanha-lo de perto...

(*Vae para sair quando entra D. Alvaro de Sousa*)

## SCENA II

EMMA, o VISCONDE DE SOUZEL E D. ALVARO DE SOUSA

EMMA — Adeus D. Alvaro: ainda bem que veio; tinha-o agora no pensamento.

ALVARO — Lisonjeira! Quer-me fazer crer que se lembra de mim estando sós os dois? (*Para o Visconde*) Adeus, Visconde; saes já?

VISCONDE — (*Saindo*) Adeus.

ALVARO — Onde te poderei encontrar?

VISCONDE — Em qualquer parte, menos aqui. (*Sae*)

ALVARO — Que significa isto, Emma?

EMMA — Significa que o Visconde de Souzel deixa atraz de si fechada a sete chaves a porta por onde acaba de sair.

ALVARO — É possível!...

EMMA — É certo.

ALVARO — Oh! mas não me decifrará este enigma?

EMMA — Não vale a pena. É um successo vulgar que por si mesmo se explica.

ALVARO — E pôde deixal-o assim, aquelle pobre Visconde que tão loucamente a amava?

EMMA — Então!

ALVARO — Não a fazia tão inconstante. Julguei sempre que fosse eterno aquelle amor.

EMMA — Ora!... O amor tem tambem seu nascimento e seu occaso. Se fosse possível fazer parar no zenith da sua carreira este astro de fogo, que passa rapido pela nossa existencia, a alma morreria abraçada pelos seus raios, como a flor do campo morreria tambem, se o sol lhe irradiasse sobre as petalas mimosas o calor constante da sua luz. (*Pausa*) Diga-me, e como vão aquelles seus amores com a prima Cecilia?...

ALVARO — Ora! tudo no mesmo estado... Eu doido, louco por ella... e Cecilia sempre com a mesma indifferença... Agora quasi que nem nos fallamos já!

EMMA — É porque talvez outro amor?

ALVARO — Ella!

EMMA — Pobre Alvaro! (*Rindo*) Com effeito o amor tem sempre a venda nos olhos!

ALVARO — Porque, Emma, suppõe que Cecilia ame?

EMMA — Não supponho, sei que ama.

ALVARO — Cecilia!...

EMMA — Sim, a sua querida, infantil e innocente Cecilia.

ALVARO — E quem é que ella ama?

EMMA — O homem a quem acabo de fechar as portas da minha casa.

ALVARO — Quem, o Visconde?

EMMA — Sim, o Visconde mesmo.

ALVARO — (*Rindo*) Ora pelo amor de Deus que lembrança a sua!

EMMA — Não accredita! Pois bem, se for verdade que conceito fica fazenda da sua perspicacia?

ALVARO — Não é possível, Emma: Cecilia amando o Visconde!... ella, a pobre creança, que nem presentido tem que já a amam.

EMMA — Fazia-o mais cioso e mais prespicaz, Alvaro.

ALVARO — Talvez o seja, quando o ciúme me der a penetração que lhe admiro.

EMMA — E para que a ironia seja merecida, saiba que o proprio Visconde me confessou esse amor, e que n'essa confissão tem a chave do enigma que ha pouco me pedia que decifrasse.

ALVARO! — Oh! mas Cecilia, a creança timida que eu conheço, acceitar a côrte do Visconde! Ella, a occultas de sua mãe, porque é impossível, é absurdo que sua mãe saiba e consinta taes amores, acceitar a côrte de um homem, illudindo os cuidados de seu tio, de meu pobre tio Christovão... De que idade se começa hoje a amar, Emma?

EMMA — Conforme; a amar os homens, muito cedo; a amar a Deos, muito tarde.

ALVARO — E eu que punha as mãos no fogo pela innocencia d'ella!

EMMA — Mas porque duvida d'essa innocencia? Apenas porque Cecilia ame! Não se me faça exagerado. Que muito é que Cecilia com os seus 16 annos, com a imaginação e viveza que me dizem que tem, na sociedade em que vive, comprehenda já que amar é uma necessidade do coração e uma exigencia da moda, e que acceite com o entusiasmo e sobresalto de creança a côrte de um rapaz, como o visconde, cercado de todo o prestigio da mais brilhante elegancia! Depois, bem sabe, qualquer que seja a influencia de seu tio Christovão sobre o espirito d'aquella pobre menina, é impossível que o exemplo da mãe e da sociedade que Cecilia frequenta, não domine essa influencia, pervertendo os sentimentos da innocente creança. Demais, Alvaro, seu pae morreu, e Cecilia chorando a sua morte, mal sabe que protecção elle lhe roubou!

ALVARO — Oh! se meu pobre tio não tivesse morrido...

EMMA — Diga antes, se sua illustre tia a mui nobre condessa do Prado o não tivesse morto... de vergonha!

ALVARO — Que diz, Emma, pois sabe!!

EMMA — Sei tudo. O amor é sufficientemente indiscreto e o cynismo bastante vaidoso, para que o visconde deixasse de me revelar em mais de uma occasião o mysterio que encobre aos olhos da sociedade o desterro do conde, e a causa da desgraçada morte que a esse desterro se seguiu.

ALVARO — Que vergonha! E pôde uma senhora de tanto orgulho, e de tão elevada gerarchia viver assim, debaixo do peso da maior affronta que se pôde dirigir a uma mulher, que é esse juizo severo, que a opinião geral fórma do seu procedimento!..

EMMA — Pôde viver! Pôde viver e vive, e não vive ella só, vi-

vem muitas, sem que a vergonha lhes traga ás faces a côr que pedem emprestada ao carmim! Que idade tem, Alvaro?

ALVARO — Vinte annos.

EMMA — Fazia-o mais moço. D'essa idade já esses escandalos me não surprehendiam. Olhe, uma noite, na noite em que debutei no theatro, tinha eu então 16 annos, encontrei com surpresa minha, chegando a casa, meu pobre tio padre, o typo do saccerdote digno, o homem de sã virtude, de rigida moral, e de costumes irreprehensiveis; abraçou-me ao ver-me e disse-me soluçando: filha, é brilhante a carreira que encetaste, mas estás á beira do abysmo da perdição; o theatro é uma escola de costumes, mas o palco é uma escola de vicios; para a mulher cada gloria ceifada ali, se lhe conquista um triumpho, ganha-lhe tambem uma perseguição, de que nem sempre a virtude sae vencedora! A rainha da scena, debaixo da opa de purpura traz os andrajos da miseria manchados pelo vicio. Surprehendeu-me a linguagem, e como sempre, se ainda hoje a acho severa na restricta applicação que elle lhe dava, acho-a justa e merecida applicada ao grande theatro em que todos representamos. Quanto mais elevada é a ordem da sociedade, maiores são os vicios que ella alimenta; e debaixo dos titulos e decorações pomposas que ahi se admiram, se não vemos os andrajos da miseria, não deixamos por isso de ver o cortejo de todos os vicios. É aristocrata, Alvaro? Pois a sua aristocracia é cem vezes mais depravada em costumes do que a realza do palco que meu pobre tio padre fulminava com o anathema... Deixe-me ser franca e não me queira mal por isso. Cecilia entra no mundo agora, mas qualquer que seja a pureza de seus sentimentos, duvido que se conserve pura e casta no meio de uma sociedade que o não é, e que trabalha para que ninguem o seja. Admira-se de que Cecilia aceite a côrte do visconde, pobre Alvaro! a que serie de surpresas o reserva o futuro!

ALVARO — Deus me livre de disputar preferencias com quem tem aprendido tanto na lição da experiencia; mas sempre lhe devo dizer que creio firmemente em que a innocencia e a virtude aborreçam por instincto o vicio e a depravação moral. Cecilia não ama, não póde amar o visconde.

EMMA — Engana-se, Alvaro. Estranha aberração, mas fatal, mas segura e invencivel do coração da mulher! Alvaro, erro ou fatalidade, fragilidade ou defeito da nossa natureza, o vicio seduz-nos e tem para nós a força irresistivel de attracção que falta á virtude. Que nos appareça, cercado de prestigio da celebridade o homem cuja vida agitada pelas paixões lhe deixa impressos no



rosto, nos habitos e no trato, esses signaes symptomaticos da grande doença do seculo: a devassidão de costumes; que se saiba, e que nós conheçamos, quantas das nossas Saphos teem tomado a um aceno seu do alto d'esse famoso Leucade chamado virtude, tão aspero de subir como facil de descer, que a chronica nos diga, quantos despeitos, quantas rivalidades, quantos zelos, quantas furias, elle tem accendido nas salas, para morrerem n'aquelle estremoso adeus do nosso sentido poeta, ao halito impuro da paixão sensual; seja este o D. João do grande Byron, venha e appareça, e a virtude mais ouriçada de espinhos estremecerá sob a influencia poderosa do seu olhar, gemendo sentida sobre si mesma.

ALVARO — Brillhante, mas triste e desanimadora apologia do vicio!

EMMA — Apologia, não! copia fiel do que se vê, do que se passa, do que se sente a cada instante. Nunca mulher nenhuma lhe havia dito isto?

ALVARO — Nunca.

EMMA — Pois todas o sentem. É que na sociedade em que vive, Alvaro, a palavra é para o espirito o que os artificios da *toilette* são para o corpo; ha de cobrir, disfarçar, compor, e illudir todos os defeitos da alma. Não pergunte lá se o vicio attrae, que ninlhe responderá; mas descreva-lh'o nas mil e uma fórmas diversas sob que elle se apresenta, e com o nome sympathico de elegancia, todos o cortejarão como hospede conhecido e familiar de sua casa.

ALVARO — Nunca lhe conheci esse espirito mordaz e satyrico que lhe admiro hoje.

EMMA — Devia dizer antes que nunca me viu tão franca como hoje me vê. (*Estendendo a mão a D. Alvaro que se levanta para sair.*) Ouça; eu não quero que saia de minha casa com o desespero e a morte no coração. Se ama Cecilia, livre-a do perigo de que só a póde resgatar um amor como o seu. A infeliz creança ha de ser grata á sua dedicação, e ha de socorrer-se á influencia do seu amor na provação por que tem de passar, quando o acaso levantar uma prega do véo lançado sobre a desgraça que infame a reputação de sua mãe.

ALVARO — Preferia perdela, a ter de yer ainda essa desgraça e esse escandalo em uma familia a que os laços de parentesco me ligam de tão perto. (*Sae.*)

### SCENA III

EMMA, só

Pobre rapaz! rara ingenuidade aquella tão impropria dos 20 annos... Decididamente, o instrumento da minha vingança que-

braria por fragil n'aquellas mãos. *(Pausa.)* D'ali nada tenho a esperar, mas conto comigo... Visconde, meu destemido argonauta, o velo de oiro não o conquistarás de certo. Hei de roubar-t'o... *(Entra um criado que entrega a Emma uma carta, saindo depois.)* É possível! Uma carta da illustre condessa do Prado! da digna provedora do asylo dos orphãos desvalidos! Escreve-me, pedindo que *(Lendo a carta.)* auxilie com o meu talento a obra em que está empenhada, e que me preste a representar a melhor peça do meu repertorio no beneficio a favor do estabelecimento de caridade que ella dirige. Valia a pena de certo subir de novo ao palco para auxiliar uma obra de caridade. *(Levantando-se com impeto.)* De caridade, não! de hypocrisia, de vaidade, de especulação, com que a virtude christã se não conforma. Protectora dos orphãos, ella?... Vamos... quero vér como os protege... *(A meia voz.)* Eu tambem tenho um orphão por quem me interesso. *(Pausa.)* Hei de ensinar ainda a illustre condessa a resar por alma de seu marido. *(Súe e cõe o panno.)*

Sim, sou...  
Minha alma em extasi outra vez sou;  
E se tristes horas de viver soffro,  
Furtivas foram — não as lembranças!

Não vê? não sentes este vago enleio  
Que a voz me arde de insólito tremor?  
E tu, respondes no teu caso este  
Tambem não sentes delirar o amor!

Oh, como é bella esta existencia amena  
Passada lempa do rumor d'além! —  
No murmure da viticção serena  
Não chega um prado, nem um nos vem.

Aqui — o aroma que se redor espira,  
A flor da enxada que a brilhar seduz;  
Ao longe, o canto que do val traspira,  
Saudando a terra que se inflama em luz.

E nós, radiantes, a este gozo immenso,  
Cantando as rosas, espalhando a dor,  
Vamos... sonhar? — não é sei; não penso.  
Vamos contentes respirando amor!

Vai longe o tempo em que lá se cariste,  
Lá a esse mundo conturbado em paz;  
Tá tanta vida, como a rólta triste,  
Triste gemias no teu ninho só.

## NO CÉO

Sim, sou ditoso.— De praser bemdito  
Minha alma em extasi outra vez sorri;  
E as tristes horas do viver afflicto,  
Perdidas foram,— não as lembro aqui.

Não vês, não sentes este vago enleio  
Que a voz me agita de infantil tremor? —  
E tu, responde, no teu casto seio  
Tambem não sentes delirar o amor! —

Oh, como é bella esta existencia amena  
Passada isempta do rumor d'além! —  
No murmurar da viração serena  
Não chega um brado, nem um som nos vem.

Aqui — o aroma que ao redor espira,  
A flor da encosta que a brilhar seduz;  
Ao longe, o cânto que do val transpira,  
Saudando a terra que se inflamma em luz.

E nós, radiantes, n'este goso immenso,  
Cingindo as rosas, esquecendo a dôr,  
Vamos... aonde? — não ô sei, não penso:  
Vamos contentes respirando amor! —

Vai longe o tempo em que tu só carpiste,  
Lá n'esse mundo confundido em pó;  
Tu, minha vida, como a rôla triste,  
Triste gemias no teu ninho só.

Depois, um dia, levantando a fronte  
Dissêste: «Vamos, vem comigo, vem!»  
Via-se ao longe refflorir o monte,  
E o Céu, e a vida refflorir também.

«Oh, vem comigo; lá ao longe, ao largo  
«Descubro um raio que me annulla a dor.  
«Deixo o meu ninho do viver amargo,  
«E vou contigo respirando amor!»

Abrindo as azas, esquecendo a terra,  
Então voámos procurando o Céu;  
Galgámos livres sobre serra e serra...  
Eil-o, chegámos: o empyreo é teu!

Agora, alegres levantando a fronte,  
Passando isemptos do rumor d'além,  
Vemos mais bello refflorir o monte.  
E o Céu, e a vida refflorir também.

Outubro de 1861.

E. A. VIDAL.

## CORRESPONDENCIA DO BRAZIL

Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1861.



as páginas de um jornal litterario, onde a poesia e as artes tão fraternalmente se alliam, não será de certo mal recebida uma singella expansão de verdadeiro sentimento, embora faltem os adornos poeticos, as pompas do estylo.

Não brilham as galas da intelligencia, quando a domina o pesar do coração.

A duas mil leguas de distancia da patria, pungidos pela saudosa recordação da terra onde passámos descuidosamente os ditosos dias da infancia, no goso de alegrias que não voltam; onde deixámos tudo

quanto nos é caro pelo amor, pela amisade e pela gratidão, expandem-se as nossas almas, trava menos o amargor do exilio, dulcificado pela esperança, reanimam-se as crenças quando se aproximam os dias em que, com os olhos rasos de agua, devemos receber noticias de paes, de irmãos, de amigos, de todos aquelles a quem nos prendem laços que não quebram pela ausencia, embora se lhes alongue a extensão.

Como deve ser pungente e raladora a dor d'esses infelizes que, arrancados pelo destino do logar onde abriram os olhos á luz da existencia, são forçados a terminar amargamente os dias na solidão de inhospitos sertões, sem um lenitivo á tristeza, sem acharem um refrigerio nas lagrimas que lhes borbulham nas faces resequidas! Magoas d'estas não as avalia quem nunca sahio da patria, embora abi lhe corram longos e amargurados os dias da vida: comprehendemo-las nós, expatriados voluntariamente.

Bemquistos dos filhos d'este paiz hospitaleiro, rodeados de affeições, pre-

sos por laços de parentesco ou de amizade, irmãos na indole, nos costumes e na linguagem, vive sempre a

« Saudade, gosto amargo de infelizes,  
« Delicioso pungir d'acerbo espinho.»

Á justa anciedade com que esperamos os paquetes procedentes da Europa, succedeu d'esta vez a mais profunda tristeza!

Portuguezes e brazileiros vergavam sob o peso de uma dor que lhes impunha silencio, e o olhar de espanto que mutuamente se trocavam parecia uma tacita interrogação sobre a realidade do successo que a intelligencia acabrunhada, o coração confrangido, queriam tomar como sonho passageiro!

Muitos brazileiros se tinham associado comnosco nas manifestações de regosijo do memoravel dia 1.º de Dezembro, e muitos portuguezes tinham pago esta divida sagrada tomando parte no dia 2, duplamente faustoso, por coincidir a abertura solemne da Exposição Nacional com o anniversario natalicio do bondoso e intelligente monarcha do Imperio de Santa Cruz.

Quem diria que no dia 3, uns e outros confundiriam as suas lagrimas, pelo fallecimento do Soberano de Portugal, e de seu Augusto Irmão, o Sr. Infante D. Fernando!

Duas vidas tão preciosas, roubadas tão prematuramente! Tantas e tão vigorosas esperanças desfolhadas n'um instante pelo sopro da morte!

Não pretendo ennegrecer as sombras d'este quadro de desolação; sou um narrador simples e fiel, assegurando que não ha na linguagem humana expressões que descrevam o sentimento com que foi aqui recebida a fatal noticia, mais amarga, de certo, na parte em que se referia a S. M. o Sr. D. Pedro v!!

Dir-se-hia que os portuguezes se curvavam submissos á voz de um grande poeta, recebendo como lei a bella estrophe da — Gloria e Martyrio — do Sr. Mendes Leal Junior.

«Um vulto, grande em feitos e ascendentes,

«Passou da gloria ao Horto.

«Filhos da liberdade, as nobres frentes

«Curvae. O Heróe é morto.»

E D. Pedro v foi *grande em feitos*, para aquelles que bem comprehendem a magnanimidade de um coração generoso. O esforço de animo que patenteou, em tão tenra idade, quando os seus subditos succumbiam ao terror, pelos estragos de uma devastadora epidemia, justifica sobejamente a applicação.

O epitheto de *Heróe* não se ganha só nas conquistas, onde os louros colhidos vem salpicados do sangue dos combatentes: grangeou-o o Sr. D. Pedro v na firmeza com que resistiu ao infortunio, quando o espinho da dor traspassava a farda do rei para ir cravar-se, fundo, no coração do homem!

É bem triste a historia do joven Monarcha!

Passára os mais bellos dias da infancia na aridez do estudo, preparando o espirito para as lides que mais tarde haviam de absorver-lhe toda a sua atten-

ção. Os affagos maternas adoçavam-lhe a existencia nos curtos intervallos do descanso, transmittindo-lhe as virtudes que deviam tornal-o um dia o idolo do seu povo. Mas quando apenas chegava ao alvorecer da adolescencia, teve de curvar-se sobre o tumulo que encerrava os despojos de uma carinhosa Mãe, exemplo raro de todos os dotes que justificam esse doce titulo!

E o mancebo dotado de uma alma nobre, e de uma intelligencia robusta e cultivada com esmero, era forçado a enxugar as lagrimas arrancadas pela saudade para pensar no futuro, e tremer diante da responsabilidade que ia assumir em tão verdes annos!

Empunhando já o sceptro real, cercado de judiciosos conselheiros, e vendo desabrochar as sympathias que tão depressa floresceram; não quiz o destino que um consorcio official o ligasse a uma estranha Princeza, que viesse simplesmente buscar o titulo de Rainha. O Senhor D. Pedro v, trouxera da sua viagem á Europa a saudosa recordação de um ANJO, cuja afeição lhe amenisára por algum tempo as saudades da patria.

O amor, que as leis tantas vezes suffocam no coração d'aquelles que teem de reger os destinos de uma nação, alliára-se com a conveniencia politica para trazerem ao regio solio portugez AQUELLA que fizera conhecer ao joven monarcha as doçuras de tão nobre sentimento.

Mas... quando as delicias de um amor puro e constante suavizavam no homem os cuidados do Rei; quando as caricias deviam minorar a magoa, da orphandade, veio a sorte lançar-lhe no coração o lucto da viuvez!

E o homem, que chorava sinceramente a prematura perda de uma esposa idolatrada, sabia que o Rei devia, de rosto enxuto, entregar-se activamente aos encargos da sua espinhosa missão!

O coração apaixonado do mancebo luctava com uma tristeza profunda, e os labios reaes deviam sorrir ás sinceras e ardentes saudações do povo!

E essas saudações entusiasticas que acompanharam por toda a parte o Soberano, na sua ultima digressão, talvez consolassem por momentos aquella alma attribulada. Mas... não podia haver compensação duradoura para as dores do desventurado mancebo, que convalescia apenas de um incommodo, passageiro na apparencia, quando um novo golpe veio aggravar-lhe os padecimentos physicos e moraes! Mais lucto, mais lagrimas, mais saudades!

Um IRMÃO querido, cheio de vida e de esperanças, fôra esconder no tumulo uma viçosa existencia de 15 annos!...

Fatalidade! Parece que o dia do prazer era sempre para o Senhor D. Pedro v a vespera do dia da amargura!...

Que triste verdade se não revela nas derradeiras palavras do infeliz Monarcha:

«Quero morrer, porque sou desgraçado e torno infelizes todos os que me rodeiam!» E Deus ouviu-lhe a dolorosa prece, e o Soberano desceu á campa na curta idade de 24 annos, deixando para sempre o mundo que fôra para elle a estancia do martyrio!...

Diante d'este sombrio e luctuoso quadro, cessariam as desaffeições se as houvesse. A época da adulação aos Monarchas passou; mas ficaram a rectidão e a justiça, ficou o sentimento. Portuguezes e estrangeiros, para todos ha partilha n'esta dôr. Não ha politica, não ha nacionalidade. Choram sinceramente as desventuras de um virtuoso mancebo os que podem ser indiffe-

rentes á perda de um Rei esperançoso, que firmava a sua estabilidade no throno na fervente adoração de seus subditos.

E os portuguezes residentes no Rio de Janeiro, sempre sollicitos pelo bem da patria, deram n'esta occasião as mais sollemnes demonstrações de sentimento, porque amavam devéras o fallecido Monarcha, em quem depositavam as mais risonhas esperanças. Fecharam-se espontaneamente quasi todos os estabelecimentos commerciaes. Partiram de todas as sociedades portuguezas os annuncios para os suffragios pela alma do Senhor D. Pedro v; e o convite feito pelo encarregado de negocios de S. M. F. aos seus subditos para que tomem luto por seis mezes, veio enconral-os, em grande parte, vestidos rigorosamente de preto!

Sirvam estas manifestações de lenitivo á dôr que deve dilacerar n'este momento o coração de S. M. o Senhor D. Fernando, que por tão amargas provações tem passado desde a juventude. Consolação para tão pungentes magoas, não as dá o mundo aos que soffrem.

F. X. DE NOVAES.





rentes a perda de um Rei espartanico, que firmava a sua estabilidade no throno na fervente adocao de seus subditos.  
 E os portuguezes residentes no Rio de Janeiro, sempre sollicitos pelo bem da patria, deram n'esta occasião as mais solennes demonstrações de seu-lamento, porque sabiam de certo o lucto de honra, em quem deves- tarum as mais thesauras esperanças. E acharam-se espontaneamente quasi todos os estabelecimentos commerciaes, e todas as sociedades portuguezas, a annunciar e a celebrar a morte do Rei D. Pedro V. e o conselho pelo qual se deu a regencia de D. Pedro VI. nos seus subditos para que tomara logo por seus mezes, e se encontrasse em grande parte vestidos rigorosamente de preto.

## CHRONICA POLITICA

Lisboa, 31 de dezembro de 1861.

Diram estas manifestações de lucto a dar que deve dilatar o caso momento em que se deu a regencia de D. Pedro VI. e o conselho pelo qual se deu a regencia de D. Pedro VI. nos seus subditos para que tomara logo por seus mezes, e se encontrasse em grande parte vestidos rigorosamente de preto.



o anno, que hoje acaba, não se poderá dizer o que dizia Garrett do *anno velho*,

Anno parvo e poltrão, chocho e sem prestimo,  
 Inutil como um conego.

Para Portugal e para toda a Europa, este anno occupará um logar importante na historia do nosso seculo. A roda do infortunio não parou no seu gyro para a casa reinante de Portugal. Não são sómente as magoas de uma familia illustre, que despertam a dôr sympathica de um povo. A casa de Bragança, representada nos filhos da Senhora D. Maria II, reune para os portuguezes a significação de dois symbolos, o da independencia nacional e o da liberdade politica. É por isso que o luto de uma familia se torna duas vézes o luto da nação. Hontem era um rei popular e querido que se finava na flôr da idade, precedido apenas de alguns dias por um de seus irmãos, e outro luctando no leito da dôr com a mais cruel enfermidade. Volviam-se os olhos, para consolação, aos dois infantes, que a providencia tinha n'aquella época affastado do paiz. Chegam estes, e um d'elles já não existe. Resta um fiador do throno a esta dynastia, que symbolisa a liberdade, e que nossos paes reintegraram á custa de sacrificios.

As demonstrações de profundo sentimento não tem cessado em todo o paiz pela infesta morte do rei D. Pedro V. Nenhuma das mais importantes folhas periodicas que se publicam na Europa tem deixado de consagrar algumas das suas paginas á sympathica biographia do falecido monarcha por-

tuguez. El-rei o Sr. D. Luiz I, em signal do seu reconhecimento pela dôr publica, dirigiu ao presidente do conselho de ministros a seguinte carta, que veio transcripta nas columnas do diario official:

«Meu caro marquez. — Ha dôres que se sentem, mas que não se podem expressar. A minha é uma d'essas. Ainda não enxutas as lagrimas pela morte de um irmão querido, já outra campa se abria para receber outro irmão, que todo se dedicava á felicidade do seu povo. Não posso comtudo, apesar de opprimido pela dôr mais cruel, esquecer e deixar de agradecer não só aos habitantes das cidades de Lisboa e Porto, como tambem aos de todo o reino, as provas de amor e sympathia, que dêram por occasião da morte do meu sobre todos querido irmão, El-Rei o Sr. D. Pedro V.

«Quando a dôr e o luto são espontaneos, são o mais valioso epitaphio a que um rei pôde aspirar. Grande é a minha dôr, mas peço ao marquez que faça saber aos portuguezes que igual é o meu reconhecimento. — D. LUIZ, Rei de Portugal. — Lisboa 1 de dezembro de 1861.»

O dia 22 do corrente fora fixado para o juramento e solemne aclamação do rei. A folha official tinha trazido um decreto nomeando o sr. infante D. João condestavel do reino. Na vespera da aclamação, em que o infante devia desempenhar pela primeira vez as funcções da sua alta dignidade junto do rei seu irmão, lia-se no *Diario de Lisboa* o boletim dos medicos do paço, que dizia que o sr. infante D. João *tinha alguma tosse e precisava de resguardo*. Porém as noticias extra-officiaes davam por gravemente enfermo o joven condestavel. O dia 22 de dezembro, anniversario de tristes recordações das nossas luctas civis, amanhecêra formoso e esplendido. As festas ordenadas officialmente eram apenas aquellas que convinham á celebração de um acto tão solemne, como a aclamação do novo monarcha, sem offenderem os sentimentos de magoa, que dominavam a capital pelos dolorosos successos do mez anterior. Na sala das sessões da camara dos deputados, os membros reunidos das duas camaras, a corte, uma innumera multidão de espectadores, no vestibulo e nos arredores do palacio, um concurso extraordinario de povo, esperavam a chegada do novo rei. Pelas 11 horas e meia da manhã, entrava o Sr. D. Luiz I na grande sala do parlamento, e enpunhando o sceptro, de joelhos e com a mão sobre o evangelho, ractificava com voz firme o juramento solemne de fidelidade á constituição politica da monarchia. Acabado o juramento, dirigiu ás assembléas legislativas o seguinte discurso:

«Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza: — Chamado inesperadamente a reger os destinos da nação portugueza, aprecio do fundo do meu coração a circumstancia solemne de me encontrar no meio da representação nacional.

«Ao povo portuguez, que aprendi a amar desde a mais tenra infancia, dedicarei toda a minha sollicitude, a fim de concorrer, quanto em mim caiba, para lhe assegurar o grau de prosperidade de que é tão digno. Seguirei com empenho os nobres exemplos que me deixou um irmão querido, cuja falta dolorosa tão profundamente sentimos. A saudade que a todos nos inspira o fatal acontecimento que deploramos, sendo o mais honroso testemunho consagrado á memoria d'El-Rei o Sr. D. Pedro V, é ao mesmo tempo o

mais forte estímulo para que todos procuremos, como elle, cumprir os deveres que nos incumbem.

«A El-Rei, meu augusto pae, tributo n'esta occasião todo o reconhecimento pela dedicação com que, nas mais dolorosas circumstancias, acceitou a regencia d'estes reinos durante a minha curta ausencia. É mais uma prova que eu e a nação recebemos do seu zélo e boa vontade.

«Este povo, a que tenho a honra de presidir, é um povo illustrado e digno, pelo amor ás instituições constitucionaes, de occupar um logar distincto entre as nações mais cultas. O apoio que elle tem sabido prestar a todas as idéas de civilisação demonstra que o seu destino não pôde deixar de corresponder aos vivos desejos de todos os portuguezes.

«O juramento que acabo de prestar exprime sinceramente os sentimentos do meu coração. A observancia fiel das instituições que temos a fortuna de possuir, assegura-nos a tranquillidade do presente, e promete-nos a prosperidade do futuro. Permitta Deus Todo Poderoso que o reinado que começa possa merecer as benções do céu e as sympathias nacionaes.

«Muito espero da illustrada cooperação dos representantes da nação a favor dos interesses publicos, facilitando-me assim o desempenho da missão que me foi confiada. A gratidão do povo portuguez, digno objecto da mais elevada ambição, será a justa recompensa de tão nobre sollicitude.»

Terminado o real discurso, tendo o alferes mór do reino desenrolado a bandeira real, o presidente das côrtes geraes, dirigindo-se respeitosa-mente ao throno, leu o seguinte discurso:

«Senhor. — O apreço que faz o Rei de se encontrar no meio da representação nacional foi sempre considerado pelos portuguezes como uma garantia de ordem e de paz.

«Esta garantia sóbe porém de valor quando Vossa Magestade do alto do seu throno, e em occasião tão solemne, nos promete toda a sua real sollicitude para elevar este paiz ao grau de prosperidade de que o julga digno; e quando nos affiança que seguirá os nobres exemplos de seu augusto irmão o Senhor D. Pedro v.

«Estes exemplos, em que vemos reunidas todas as virtudes do perfeito Rei constitucional e do bom cidadão, hão de ser para todos nós o mais poderoso incentivo para o fiel cumprimento dos nossos deveres.

«Á memoria pois do Senhor D. Pedro v. os dois corpos legislativos, não obstante a gala d'este dia, não podem deixar de acrescentar, na expansão do sentimento geral, mais um tributo de amor e de saudade.

«Ás expressões de reconhecimento que Vossa Magestade consagra a seu augusto pae El-Rei o Senhor D. Fernando II pela dedicação com que acceitou a regencia d'estes reinos, durante a ausencia de Vossa Magestade, juntam as duas camaras os votos de sua extremada gratidão, e os protestos de que nunca se esquecerão do grande sacrificio com que Sua Magestade, vencendo os affectos de pae que o dilaceravam, se prestou ao serviço do paiz n'uma das crises mais graves e afflictivas por que este tem passado.

«Se Vossa Magestade julga que o amor que o povo portuguez tem ás garantias constitucionaes o tornam merecedor de occupar um logar distincto entre as nações mais cultas; se o apoio por elle prestado a todas as

idéas de civilização lhe assegura a sua futura prosperidade; muito prazer sentem os representantes da nação, confessando que todo esse arduo empenho teria sido mallogrado sem o esforço do coração e do braço do seu augusto avô o Senhor D. Pedro IV, e sem as inclitas virtudes dos seus illustres descendentes:

«O juramento que Vossa Magestade acaba de prestar, pela sua significação religiosa e como a expressão sincera dos sentimentos do seu real coração, é o forte vinculo que ha de ligar ao throno todos os portuguezes. E as nobres e elevadas qualidades que Vossa Magestade tem patenteado desde a mais tenra idade, captivando de ha muito as sympathias publicas, dão-nos a esperança de que o Todo Poderoso abençoará o reinado de Vossa Magestade.

«Os pares do reino e os deputados da nação, observando fielmente as instituições que temos a fortuna de possuir, cumprirão quanto em suas forças couber o grato dever de auxiliar a Vossa Magestade no desempenho da sua alta missão, e se darão por bem galardoados se merecerem a aprovação de Vossa Magestade e do paiz.»

Em seguimento a estes discursos o presidente da camara dos pares entou por tres vezes os vivas ao novo rei, correspondidos com entusiasmo pelos membros das duas camaras e por todos os espectadores. O alferes mór com a bandeira das quinas desenrolada annunciava de uma das janellas do palacio a aclamação do Sr. D. Luiz I ao povo, que respondia com demonstrações clamorosas de affecto ao joven rei. A phisionomia serena do monarcha, a sua attitudo melancolica mas decidida, a sua voz sonora e sympathica, apenas titubiando com rapida emoção no momento em que se referia á recente catastrophe da sua familia, dispertaram no coração de todos aquella disposição affectuosa, que impõe o infortunio junto ao verdor dos annos e á serenidade do animo; mais de um espectador leu na phisionomia do filho da Sr.<sup>a</sup> D. Maria II as recordações da mulher forte, que soube ser rainha de um povo livre, e educar seus fihos no amor do dever e da liberdade.

Um *Te Deum* na igreja de S. Domingos, e a cerimonia da entrega das chaves de Lisboa pela camara municipal da cidade n'um pavilhão, que para esse effeito se alevantára no Terreiro do Paço, terminaram os festejos d'esse dia. O povo de Lisboa é pouco expansivo. As demonstrações ruidosas, que nem sempre são expressão do verdadeiro affecto, estão fóra do nosso character e dos nossos habitos. Porém d'esta vez o novo rei foi acolhido com vivas acclamações populares em todo o seu transito pelas ruas de Lisboa. As desgraças domesticas do paço, os receios de ver desaparecer uma familia tão intimamente ligada aos interesses e ao destino do paiz, provocaram essas demonstrações, menos de jubilo do que de tristeza e sympathia. O povo observava com melancolia e affecto aquelle que ha pouco era membro de uma familia numerosa, agora solitario no seu coche, quasi unico representante da sua dynastia, coberto com o manto, cuja purpura contrastava com a palidez do rosto e com o luto do coração.

Eram diversas as opiniões sobre se as camaras legislativas continuariam a reunir-se nos dias seguintes, continuando aberta a sessão, ou se fica-

vam fechadas até o dia 2 de janeiro, para o qual anteriormente havia sido addiada a sessão ordinaria, considerando-se terminada com o juramento a convocação extraordinaria, decretada com aquelle fim. As camaras de feito não se reuniram no dia seguinte, posto que a opinião d'aquelles, que entendiam que a sessão contiuvava aberta, parecesse mais geral e judiciosa. Logo porém na manhã d'esse dia, que era o 23, a folha official declarava que a recepção de gala no palacio da Ajuda, que estava annunciada para aquelle dia, não teria logar, em virtude do estado mais grave da enfermidade do infante D. João. Os animos do povo, irritados com esta serie incessante de acontecimentos funestos dentro do palacio real, começaram a achar extraordinarias estas fataes coincidências, e a não se resignarem a ver no acaso ou na providencia o que muito bem podia ser filho da perversidade dos homens. As suspeitas de envenenamento, que eram quinboadas mesmo por alguma gente illustrada, tomaram mais vastas proporções nos animos do vulgo. Os novelleiros, e os espiritos propensos à exaggeração davam já enfermo tambem o novo rei. A noticia inesperada da morte do principe Alberto de Inglaterra, depois de uma curta doença, que apresentára os mesmos symptomas da enfermidade de que tinham succumbido os dois principes portuguezes, e de que estavam proximos a succumbir os outros dois, dava logar a mil conjecturas disparatadas de vastos planos de conspiração contra a vida de certas familias reinantes. Alguns especuladores politicos insinuaram talvez em voz baixa os nomes dos seus adversarios. Alguns boatos menos verdadeiros ajudavam a tornar verosimil uma ou outra das encontradas conjecturas.

Pela tarde d'este dia 23, os pares e deputados receberam uma circular do presidente do conselho de ministros, convidando-os a uma reunião n'essa mesma noite nas salas da secretaria do reino, a fim de se tratar de objecto urgentissimo. Reunidos em grande numero e sem distincção de posições politicas os membros das duas casas do parlamento, o governo pediu que todos concorressem no dia seguinte ás sessões das duas camaras, onde se leria o decreto, que mandava continuar a sessão extraordinaria, e que as camaras se constituíssem com a possivel brevidade, porque no estado das coisas o parlamento teria de occupar-se de objectos importantes.

No dia 24 reuniram-se e constituíram-se as duas camaras, nomeando a dos deputados para presidente e vice-presidente os antigos ministros Antonio Luiz de Seabra e Vicente Ferrer Neto de Paiva. Os ministros assistiram ás sessões das duas camaras, porém nenhuma medida foi apresentada. Circulavam noticias desagradaveis sobre o estado da doença do sr. infante D. João. Dizia-se que o conselheiro de estado Silva Cabral tencionava apresentar na camara electiva uma proposta para que fosse eleita uma commissão de inquerito sobre os funestos acontecimentos do paço, e já esta proposta fora annunciada pelo seu auctor na reunião dos pares e deputados. Similhante resolução, posto que proveniente da iniciativa de um membro da maioria, seria um desaire para o governo, porque accusava a sua negligencia, e viria dar corpo ás suspeitas do vulgo, que os homens sisudos repelliam

Foi talvez para obstar a este acto menos prudente que no dia seguinte, que era o dia de Natal, appareceu um supplemento á folha official, trazendo um decreto em que se nomeava uma commissão presidida pelo par do reino, director da escola medico-cirurgica de Lisboa, e composta de tres deputados, doutores em medicina, dos presidentes do conselho de saude publica do reino e do conselho de saude naval, de mais dois facultativos, e de tres dos mais habéis chimicos de Lisboa, encarregada de investigar todas as causas que produziram as graves molestias, de que fôra accommettida a familia real, e de examinar o estado de salubridade dos paços das Necessidades e de Belem e suas immediações.

Na vespera d'este dia, tinha-se reunido á noite a celebre sociedade patriótica, creada em tempo pelos amigos do actual governo, que existia illegalmente, porque os seus estatutos nunca haviam sido approvados, e que em abril d'este anno se tinha divorciado dos seus antigos chefes, fazendo a celebre manifestação do Rocio, de ridicula memoria, em favor de um elevado personagem politico, ha tempos retirado dos negocios publicos. O governo tinha mandado a authoridade administrativa do bairro a assistir a esta reunião illegal, onde fôra decidido, entre manifestações adversas ao governo, que no dia seguinte se convidasse a camara municipal a levar ao paço uma petição do povo de Lisboa, para que o rei mudasse de residencia, a fim de garantir a sua segurança. No dia 23 pela manhã uma grande multidão se dirigio aos paços do conselho, onde alguns vereadores, na presença do governador civil e do commandante da guarda municipal, que mandaram convocar, receberam a petição do povo, ou antes da sociedade patriótica. Os peticionarios requeriam tambem a mudança de ministerio e a de todos os creados da casa real. Os membros da camara presentes, que aliás não eram em numero sufficiente para funcionarem legalmente, sómente se encarregaram da primeira parte da petição, que dizia respeito á mudança da residencia do rei, e a pé, acompanhados de uma grande multidão, que ia recrutando todos os curiosos, e escottados por um forte piquete de cavallaria da guarda municipal, dirigiram-se ao paço das Necessidades. El-Rei o Sr. D. Fernandó recebeu a deputação, declarando que seu filho o rei o Sr. D. Luiz já tencionava anteriormente mudar a sua residencia n'aquelle dia, estranhando porém que aquella petição lhe fosse feita tumultuariamente. Suas Magestades aproximaram-se de uma das janellas do paço e foram calorosamente victoriados pelo povo, que carcava o palacio. Porém com as aclamações ao monarcha e á real familia saíam do meio da multidão alguns gritos sediciosos. Na madrugada d'este dia tinham-se distribuido pelos quarteis e estavam affixadas pelas esquinas das ruas proclamações odiosas, designando como cúmplices de envenenamento da familia real, e como victimas offorecidas á vindicta popular alguns dos ministros e outras personagens de diversas procedencias politicas. Todos estes factos, os agentes da sociedade que promovera esta manifestação, e a diversa significação politica das pessoas denunciadas, deixavam claramente ver uma conspiração politica, especulando com o sentimento e com as descoufianças publicas, em favor de uma determinada e diminuta facção. Era o segundo acto da farça de abril no Rocio, que ameaçava tornar-se tragedia á vista do desacordo do governo e da tibieza das authorida-

des. As listas de prescripção continham quasi todas os seguintes nomes: marquez de Loulé, Antonio José d'Avila, conde de Thomar, conde da Ponte, Casal Ribeiro e Martens Ferrão. Estranho e repugnante amalgama de caracteres de diversa procedencia politica, que bem denunciava o proposito de affastar os chefes das diversas parcialidades que tinham mais probabilidade de conservar ou de herdar o poder, e em que talvez se via não menos claramente o vestigio de alguma animadversão pessoal! Pelo dia adiante, os grupos augmentavam no Terreiro do Paço. Uma força de cavallaria, que para ali fôra mandada, contemplava impassivel a multidão, donde saíam de vez em quando gritos sediciosos. Junto da noite, a turba cresceu junto do ministerio da fazenda, onde estavam reunidos o presidente do conselho de ministros e alguns dos seus collegas com o commandante da primeira divisão militar. Como a multidão invadissee as escadas da secretaria, os ministros receiosos talvez do furor popular, fugiram por uma janella, que deita sobre o interior do arsenal da marinha, descendo por uma escada de mão, e embarcaram no caes do mesmo arsenal. Os fugitivos argonautas foram aportar em Alcantara ao quartel de marinheiros militares, que pela sua posição estrategica, tendo uma forte guarnição e uma retirada segura para o Tejo, se prestava bem para ser o centro das operações d'esta campanha que bem se póde chamar semi-burlesca. Ao cair da noite reinava em Lisboa a mais completa anarchia, que não teve, felizmente, as consequencias funestas, que seriam para receiar, se houvesse mais alguma audacia da parte dos instigadores ou malvadez da parte dos amotinados. Alguns grupos, detendo e revistando as carroagens que vinham das Necessidades, diziam procurar o presidente do conselho, cognominando-o de traidor; outros quebravam as vidraças do sr. conde da Ponte, do sr. conde de Thomar e tentavam forçar as portas do pateo do Thorel para lançar o fogo ao palacio do sr. marquez de Loulé. O sr. conde da Ponte saíndo do paço para acudir á sua familia, foi maltratado e seria morto, se a guarda das Necessidades lhe não prestasse soccorro, libertando-o das mãos da populaça.

Depois das dez horas da noite, tendo emfim a tropa recebido ordem para reprimir os tumultos, os grupos foram dispersos sem difficuldade, e á hora da meia noite reinava em toda a capital a mais perfeita tranquillidade. El-Rei havia saído pela manhã para o pequeno palacio de Caxias, a duas leguas de Lisboa.

No dia 26 dois fortes piquetes de infantaria e cavallaria guardavam o palacio das côrtes. Os ministros apresentaram-se nas duas casas do parlamento, e o sr. presidente do conselho, fazendo um breve resumo dos acontecimentos, declarou que carecia do apoio do parlamento para manter a ordem publica. A opposição declarou em ambas as casas que estava disposta a dar o seu apoio ao governo para o fim de reprimir as desordens e evitar a repetição das deploraveis scenas, que tinham tido logar na vespera. Algum concurso de povo, a maior parte de curiosos, permaneceu quasi todo o dia no Terreiro do Paço, em presenca da força de cavallaria que ali estacionava. Um esquadrão de lanceiros tentou por vezes fazer evacuar a praça. A multidão, um momento affastada, volvia de novo, mas sem demonstração aggressiva. Junto da noite, a tropa empregou a força para fazer evacuar

a praça e as ruas convisinhas, distribuindo algumas pranchadas e prendendo mais de duzentas pessoas inermes e pela maior parte de infima classe, garotos da rua e vendedores de fosforos e de cautellas. Foram tambem presos dois membros da sociedade patriotica, sendo um d'elles o orador do *meeting* do Rocio em abril. Uma portaria publicada na folha official mandava dissolver por illegal a sociedade patriotica, que havia perto de dois annos funcionava livremente ás barbas da authority e a despeito da lei.

O socego restabeleceu-se completamente e o acontecimento, que por instantes chegou a aterrar a capital pelo receio da anarchia, assumio as suas verdadeiras proporções de scena ridicula e farça mal ensaiada. Todavia alguns dos ministros continuaram por alguns dias a fixar a sua residencia e a pernoitar no arsenal de marinha guardados pela força armada. O valente e honrado mas valetudinario general Bravo deixou o commando da guarda municipal e foi nomeado ajudante de El-Rei, sendo substituido n'aquelle cargo pelo commandante de cavallaria 4 o sr. José de Vasconcellos, soldado resolutu, e irmão do governador geral da India visconde de Torres Novas.

No dia 27 o governo apresentou ás côrtes uma proposta de lei, authorizando-o a crear corpos de policia puramente civil nas duas cidades de Lisboa e Porto, e pediu que este negocio fosse examinado com urgencia. A camara dos deputados, para evitar delongas, decidiu que ficassem reconduzidas as commissões da sessão legislativa anterior. Pela tarde d'este dia falleceu o Infante D. João, cujo cadaver no dia 30 foi transportado sem apparatus para a igreja dos Jeronymos em Belem, e ahi depositado a fim de ser mais tarde conduzido ao real jazigo de S. Vicente de Fóra. Procedendo-se á authopsia do cadaver do moço Infante, a que assistio o juiz do tribunal respectivo de primeira instancia e o delegado do ministerio publico, na presença de grande numero dos mais acreditados facultativos de Lisboa, reconheceram-se com toda a evidencia os vestigios de uma febre typhoide completamente caracterizada. Esta noticia e a confiança nas pessoas competentes que assistiram a este acto concorreu poderosamente para apasiguar as desconfianças dos que as nutriam sisudamente.

No dia 30 o governo levou ás camaras duas propostas de lei, a primeira declarando regente El-Rei o Sr. D. Fernando para os casos previstos na carta constitucional e quaesquer outros do impedimento legitimo do monarcha, e a segunda declarando habeis para succeder no throno, segundo as regras de precedencia estabelecidas na carta, as Senhoras Infantas D. Maria Anna e D. Antonia, apesar da renuncia, que haviam feito aos seus direitos eventuaes, uma vez que os principes seus maridos renunciassem ao direito que podessem vir a ter a qualquer corôa estrangeira e se naturalisassem portuguezes. Estas propostas, benevolmente recebidas pelo parlamento, foram logo commettidas ao exame de uma commissão especial, e concorreram para socegar as apprehensões dos mais timoratos.

Assim acabou o fatal anno de 1861 para Portugal. Hoje o Rei gosa de perfeita saude, mostrando no meio das suas infelicidades domesticas animo resignado e resolutu, e o Sr. Infante D. Augusto progride lentamente nas suas melhoras.

D'aqui a poucas horas começa o anno novo, que Deus nos fade melhor do que este, que agora finda.



Apesar da importancia dos acontecimentos politicos, não deixaremos descontinuada no presente mez a tarefa modesta, que nos temos imposto, de resumir aqui a sequencia dos factos, que vão caracterizando a nossa vida economica e administrativa. A folha official de 2 de dezembro publica uma convenção postal com a Belgica fundada nos salutaes principios de reciprocidade completa e da uniformidade e diminuição dos portes do correio. As negociações para este convenio foram ha muito entabuladas, assim como o foram com a Inglaterra, França e Hespanha, logo depois que entre nós se levára a effeito a reforma postal, uma das mais salutaes medidas do governo iniciador de 1832, que transformou a velha administração postal, monumento de atrazo secular, n'um dos mais bem regulados ramos da nossa administração publica. A convenção postal com a Inglaterra foi uma das primeiras que se levou a effeito, com vantagem do commercio e ainda do thesouro publico. Aparece agora a da Belgica, menos importante do que serão as de França e Hespanha, que parece se não farão esperar por muito tempo. Eguaes negociações parece que foram ultimamente iniciadas tambem com o nosso governo pelo representante diplomatico do governo da Italia.

A estatistica das alfandegas de Lisboa e Porto relativas a novembro continuam no seu movimento ascencional, apesar dos successos que mais ou menos deverão ter influido desfavoravelmente no andamento do commercio. O rendimento d'estas alfandegas foi no dito mez de 406:854\$336 réis, proxima-mente 45 contos mais do que o rendimento de igual mez no anno preterito. A alfandega municipal de Lisboa rendeu 80:449\$978 réis, mais tres proxima-mente do que no mesmo mez do outro anno.

A alfandega de Lisboa publicou n'este mez os seus mappas estatisticos relativos ao anno economico de 1860-1861. A estatistica das nossas alfandegas é n'este genero o trabalho mais perfeito e importante que se publica no paiz, e não cede na abundancia, na clareza e na boa coordenação das materias aos melhores trabalhos estatisticos, que se publicam na Europa. Sáem porém a lume com grande atrazo estes apreciaveis documentos. A ultima estatistica geral das nossas alfandegas refere-se ao anno de 1856. As estatisticas, porém, especiaes das duas alfandegas de Lisboa e Porto, trabalho mais resumido, mas não menos perfeito, andam, póde dizer-se, em dia. Não seria mais conveniente, em vez de duplicar grande parte do trabalho sem reconhecida vantagem, fazer convergir toda a assiduidade da administração n'este ramo para adiantar os trabalhos da estatistica geral, até a pôr em dia, supprimindo as estatisticas especiaes de cada uma das duas alfandegas de Lisboa e Porto? Parece-nos que com isto lucrariamos bastante. Dos mappas estatisticos da alfandega de Lisboa, que acabam de publicar-se, em relação ao ultimo anno economico, resumimos os seguintes e mais importantes dados, que não deixam de ter importancia.

O valor total das mercadorias entradas na alfandega durante o anno foi de 15.013:992\$300 réis.

O valor das mercadorias exportadas foi de 5.633:608\$967 réis.

O valor das mercadorias reexportadas foi de 1.864:267\$756 réis.

O augmento dos valores importados foi consideravel em relação ao anno anterior. Este augmento teve logar principalmente nos seguintes objectos:

na classe dos algodões, principalmente nos tecidos crus e proprios para estamperia, na importancia de 380 contos; na classe dos despojos de animaes, principalmente nas pelles e coiros em bruto, na importancia de 462 contos; no café, tanto estrangeiro como das possessões, na importancia de 115 contos; na classe das lãs, principalmente nos tecidos de fabricaçãõ allemã, que vão competindo com os das outras nações, apesar das maiores despezas de transporte, na importancia de 179 contos; no oiro amoedado estrangeiro na importancia de 640 contos; na classe das sedas, tanto nos tecidos como na materia prima para a fabricaçãõ, na importancia de 109 contos. Houve além d'estes outros pequenos augmentos em varios objectes, e pequenas diminições em outros, como foi no arroz e no sabão, em virtude do augmento da producção e fabricaçãõ nacional.

Nos 15 mil contos de generos de fóra que deram entrada na nossa alfandega figura a classe dos algodões por 3:148 contos, a dos metaes por 2:818, a dos generos coloniaes por 2:418, a dos despojos de animaes por 1:333, e a dos productos chimicos por 1:035; em cada uma das outras classes o valor total das importações é de menos importancia. As proveniencias, d'onde foi maior a importação, foram a Inglaterra e suas possessões, cujos valores importados subiram a 8:128 contos, mais de metade do valor total importado; as possessões portuguezas da Africa Occidental, cujos valores importados ascenderam a 2:121 contos; França e suas possessões 1:491 contos; Brazil 1:415.

O valor das exportações foi inferior ao do anno anterior em 627 contos proximamente. Esta diminição foi devida á menor producção do vinho e do sal no anno, a que se referem os mappas, á menor saída de prata amoedada e á diminição da saída da urzella, talvez em consequencia de ter vindo menos de Angola, em consequencia do estado de revolta em que esteve uma parte interior d'aquella possessão. Para compensar em parte esta diminição houve algum augmento na exportação dos algodões estampados e de varios generos agricolas.

O valor total das reexportações excedeu a do anno anterior em cerca de 192 contos. A maior parte dos generos reexportados provieram de Inglaterra no valor de 1:270 contos e do Brazil no valor de 287, e foram destinados tambem na sua grande parte para as possessões da Africa na importancia de 1:267 contos, para a Inglaterra na de 154 contos e para o Brazil na de 119.

O total da receita effectuada pelo estado, pelo pagamento dos direitos, foi de 2.627:888\$870 réis, excedente em cerca de 127 contos á receita do anterior. Os direitos correspondentes aos objectos importados livremente pelo estado e pelas empresas de caminhos de ferro e outras, que pelos seus contractos tem isenção do pagamento de direitos por um certo numero de annos, augmentariam a receita total em 763 contos.

O governo acaba de publicar uma nova edição da pauta geral das alfandegas com as alterações decretadas pela carta de lei de 14 de fevereiro ultimo, e com um indice appenso em que forem introduzidas as resoluções do conselho geral das alfandegas a respeito dos casos omissos e de muitas duvidas que se tem suscitado no despacho de diversas mercadorias. A antiga-classificação é completamente alterada. Este trabalho e principalmente o indice, é

de manifesta utilidade para o commercio. Todavia a nova classificação, posto que a alguns respeito superior á antiga, não nos parece que offereça vantagens, em quanto ao methodo, sufficientes para compensar os inconvenientes, que hão de resultar para a comparação dos dados estatísticos dos annos, em que os mappas forem organisados segundo a nova classificação com aquelles em que foram organisados pela classificação antiga. Parecia-nos conveniente esperar a época, em que houvessem de se fazer na pauta geral as alterações de direitos que julgamos que as necessidades publicas e a melhor intelligencia dos assumptos economicos reclamam.

A lei da desamortisação continua a executar-se com grande vantagem dos interesses das corporações, cujos bens são desamortizados. A praça tem quasi duplicado o preço das avaliações feitas segundo o rendimento dos ultimos annos. A importancia dos bens postos em praça durante este mez sóbe a 311:804\$171 réis.

O numero dos trabalhadores empregados nas estradas e obras publicas do estado durante o mez de outubro foi de 15:759, incluindo as estradas feitas por empreitada na conformidade da lei de 10 de agosto de 1860. O numero de trabalhadores empregados no mesmo mez pelas emprezas de caminhos de ferro foi pouco inferior a 30:000 segundo algumas estatisticas approximadas, que publicam os jornaes. Cremos que as estatisticas relativas ao mez corrente, quando forem publicadas, darão ainda algum augmento no numero de operarios empregados nos melhoramentos publicos.

## CHRONICA LITTERARIA



oa tarefa reservou o mez findo 'ao chronista. Além de enriquecer a litteratura nacional com duas obras valiosas, deixou-lhe a promessa da breve publicação de outras. E que nomes as firmam! Nomes que não apregoam o seu talento, mas que o attestam nos commettimentos litterarios. Pertencem todos a essa pleiada que trabalhou e trabalha, para conquistar os fóros de escriptor, formando com os livros e com brilhantes manifestações da intelligencia, os degrãos do pedestal a que tentam elevar-se. Lucta e combate, mas lealmente, a armas eguaes, porfiando apenas em igualar ou vencer o adversario, na briosa e legitima contenda. Doira os bicos da pena, não os molha em fel. Não transforma a deusa n'uma bacchante; não renega o culto aquella, para tripudiar diante d'esta; não enfurece emfim a Nemésis desbragada n'uma ociosidade avida, contra os que laboriosamente colhem e enfeicham os seus loiros, constantes no trabalho e desvellados pelo estudo.

Se a maledicencia e a calumnia em associação fraternal, se derrama de ira com os triumphos que estes homens obtem, se não podendo chegar-lhes, se contentam em morder-lhes, se ao solheiro das praças se repascem em criticas anonymas, eivadas da impotencia que as rala, elles, os operarios da intelligencia, que servem deveras á sua patria, passam punindo com

os seus desdens a matilha que abafa os latidos, e confunde-a, apresentando aos olhos do paiz e da posteridade os titulos da sua gloria.

E para confirmar o que avançámos, registaremos os livros novos.

*O amor de perdição*, é o titulo do primeiro, e traz no frontespicio o nome do auctor de *Onde está a felicidade* e do *Homem de brios*.

N'outro paiz, em França, por exemplo, Camillo Castello Branco se não estivesse rico, é que tinha gasto muito dinheiro. Os volumes e volumes de romances que tem escripto, e os que pôde e ha de escrever, bastariam para lhe doirar a existencia, doirando-lhe as algibeiras. Tinha, o que escaceia, e muito, entre nós, editores e leitores. E são as duas unicas coisas que faltam ao nosso romancista, para competir com os romancistas francezes. Talento ha tanto, e tão fecundo, no auctor dos *Doze Casamentos*. Dirão talvez, que os seus enredos são menos complicados, os lances menos surprehendedentes, as peripecias menos envolvidas; mas notam-se bellezas, a meu ver, superiores em Camillo Castello Branco. Traça os quadros com singeleza, desenha os carecteres com verdade, e faz sobresair os primeiros pelo esplendor das tintas, os segundos pela naturalidade das feições. Depois, nada pede ao estrangeiro e reduz-se unicamente a copiar os typos, os costumes e o viver da sua terra. Se em França ha escriptores conscienciosos, e ha-os, abundam tambem os especuladores litterarios. Os romances d'estes são uma especie de melodramas, sem logica na acção, sem verosimilhança na urdidura, que promovem interesse momentaneo; mas que não deixam impressões profundas. Taes romances quando se acabam de ler, atiram-se fóra, e nunca mais lembram. É o que não ha de acontecer ao *Amor de perdição*, que rescende um perfume de sentimento que fica deleitando a alma, e que obriga a reler muitas paginas.

Dissemos que os editores e leitores escaceavam entre nós, e dissemos uma verdade. Mas cumpre explical-a em abono dos editores, d'alguns. Se os melhores que ha, não são bons, a culpa, a maior culpa, é dos leitores, ou antes dos que podiam ser leitores. Se a maioria dos nossos compatriotas lesse, haviam de se vender livros; mas não lê. A leitura pertence á minoria. Logo para vender pouco, não é possivel comprar por muito. Isto é logico e os editores sabem logica, infelizmente. Não percamos, todavia, a esperanza. Talvez um bello dia amanheça parte da nossa população convencida de que o capitulo de um romance, o acto de um drama, ou uma estrophe, inspiram mais interesse e offerecem mais attractivos, que ouvir uma banda de musica, jogar a loto, fallar mal do proximo e ler o noticiario de um jornal: O noticiario de um jornal! Em quanto este genero de *litteratura* medrar, difficilmente o outro ha de florecer.

Voltando porém aos editores, felicitamos um d'elles, pelo bom resultado que colheu na publicação do *Reinado e ultimos momentos de D. Pedro v*, por J. M. de Andrade Ferreira. É um opusculo curioso e recommendavel, pelo bem colligido dos acontecimentos, pela variedade dos factos, e pela fluencia da linguagem. Encontram-se ali reunidas muitas particularidades interessantes da vida do desditoso monarcha, e uma apreciação justa das qualidades que o engrandeciam como homem. E tudo contado naturalmente, mas denunciando profundo e intimo sentimento.

A obra teve, pois, a acceitação merecida e o escriptor grangeou louvores geraes da imprensa.

Terminam aqui as boas dadivas litterarias com que nos mimoseou o anno de 1861; seguem-se agora as promessas que este nos fez para o anno de 1862. Melhores promessas, não se podem desejar, nem exigir. Sejam, os leitores, juizes. Bulhão Pato promette um volume de poesias; Mendes Leal, promette dois volumes de *Chronicas do seculo XVII*; Camillo Castello Branco, promette o *Romance de um homem rico*, e Julio Cesar Machado, promette um livro intitulado *Scenas da minha terra*. Que preciosa aquisição para uma livraria escolhida! E qual será, a que não tenha já um logar reservado, para taes obras. Nenhuma. Ha quanto tempo se lamenta que Bulhão Pato, não teça uma grinalda das flores viçosas da sua feiticeira imaginação? Ha quanto tempo não desejam possuil-a os seus amigos e admiradores, que uns e outros, são muitos? Era pois uma divida em que estava, não só aos admiradores e amigos, mas ao paiz; cumpria pagal-a.

Das *Chronicas do seculo XVII*, facil é prever a valia. A reputação do auctor, reputação que diariamente se alarga e legitima, garante o alcance e esmero do trabalho. Hão de ser quadros d'epocha conscienciosamente investigados, e vigorosa e brilhantemente reproduzidos. Será um livro para recreio, e tambem para estudo.

Ha titulos que obrigam pelo interesse que logo despertam. O *Romance de um homem rico*, está n'este caso; mas, aproveitado e desenvolvido por Camillo Castello Branco ha de satisfazer toda e qualquer expectativa.

*Scenas da minha terra*, chama-se o novo livro do auctor dos *Contos ao luar*. Depois da suave e doce impressão que deixaram estes, quem não terá empenho de conhecer aquellas? Ha igual simplicidade na denominação das obras, mas tambem ha igual perfume poetico. Illuminava uns, os raios prateados da lua; illuminará as outras, os raios doirados do sol.

Appareçam, pois, as *Scenas da minha terra*, e appareçam já, para reaparecerem mais cedo.

É triste, bem triste, ver surgir o ramo de cypreste entre as palmas festivas; mas é inevitavel. Faltariamos a um sagrado dever, se não consignassemos n'estas paginas a morte do decano da imprensa portugueza, José de Sousa Bandeira.

Aos folhetins que escreveu no *Periodico dos Pobres*, sob o pseudonymo de *Braz Tizana*, titulo que depois adoptou para o mesmo jornal, deveu o gracioso jornalista a sua reputação.

Recommendavam-se os folhetins pela originalidade da fórma e pela graça natural que os realçava. Tinham effectivamente uma feição caracteristica e individual, que muitos tentaram copiar, sem conseguirem reproduzil-a exacta. D'aqui resultou falsearem-n'a, substituindo ao espirito a maledicencia, o pamphleto á satyra.

José de Sousa Bandeira morreu velho, mas até aos ultimos dias da sua vida conservou-se sempre no seu posto.

N'estas breves linhas foi nossa intenção prestar unicamente o devido culto á memoria do jornalista, pois só a elle conhecemos.

A proposito cabe transcrever aqui, onde negreja o lucto, um soneto, á

morte de el-rei o sr. D. Pedro v que nos enviou o sr. Angelo Frondoni, e que não publicámos no numero anterior por falta de espaço. Eis o soneto:

Perchè troncò la vita il fato avaro  
Di Lusitania al Re cui la saggezza,  
Unita ai tanti pregi che l'ornâro,  
Rispetto infuse in tutti e tenerezza?

---

Ovunque fu sua morte pianto amaro,  
Né luso qui vegg'io che con tristezza  
Di Pietro quinto non dicesse: oh caro!  
Oh egregio re, model di gentilezza!

---

Gli affitti consolò di sua persona,  
— Dimentico di sè e quasi del soglio, —  
Quand'atro scempio il morbo fea in Lisbona.

---

Deh volgi dalla sede tua beata  
Benigno il guardo ai Lusi, un dì tuo orgoglio  
Alma dal Ciel discesa e al Ciel tornata.

Por esta amostra se vê como o genio da Italia transluz ainda nos seus filhos, mesmo nos que se não dedicam particularmente a cultivar as musas. Verdade é que a musica e a poesia são irmãs, e o sr. Frondoni prova que lhes intende a irmandade.

Como portuguezes, cumpre-nos tambem agradecer tão sympathica demonstração por parte de um filho da terra italiana. N'este ponto a fraternidade não é já das artes, mas dos povos, e esta é para nós do mais alto apreço.

No theatro normal representou-se a *Medéa*, em beneficio da actriz Emilia das Neves. A tragedia de Legouvé, é seguramente a primeira tragedia moderna. Conservando-lhe a fôrma classica, o distincto escriptor soube imprimir na acção o movimento e as condições scenicas, que faltam ao repertorio antigo. Se alguma coisa ha a lamentar, foi a escolha do assumpto. Embora o vulto de *Medéa* seja eminentemente tragico, ha uma tal ou qual hediondez repugnante no crime que o assignal-a á historia. E a isso deveu, sem duvida, os reparos que alguns fizeram.

Mendes Leal trasladou para boa prosa portugueza os maravilhosos versos de Legouvé. A lucta era desigual, porque em obras d'aquella elevação e daquelle primor, só é possivel competir no mesmo genero. E competiu Mendes Leal, venceu até, por vezes, quando em varias scenas semeou algumas poesias. Ainda assim, em toda a versão, só uma phrase opulenta, melodiosa

e scintillante, como a do nosso bello estylista, podia aproximar-se tão lisongeiramente dos versos do original.

Brevemente a *Revista Contemporanea* offerecerá aos seus leitores as poesias da *Medéa*, de Mendes Leal.

Á interpretação da *Medéa*, não se podem tecer grandes louvores, mas também se não podem fazer grandes censuras.

Foi uma tentativa, e uma rude tentativa, porque custou muito trabalho, muito estudo, e muita força de vontade. Bastam estas considerações, para captivar a benevolencia. Os nossos artistas não foram competentemente educados para representar tragedia, e devem unicamente, a esforços proprios, tudo o que fazem, e tudo que fizeram na *Medéa*. Debaixo d'este ponto de vista, conseguiram bastante, mas ainda assim ficaram longe no desempenho, da classificação artistica da obra.

A necessidade de uma escóla da arte dramatica, era ha muito tempo proclamada e lembrada por todos aquelles que se empenham pelo engrandecimento do theatro portuguez. Fundou-se finalmente, e fundou-se sob os melhores auspicios, isto é com os esclarecimentos das nossas primeiras illustrações litterarias, e com a extrema dedicação e proficua vigilancia de um homem competente que se acha hoje á frente da direcção de instrucção publica, o Sr. Magalhães Coutinho.

Duas nomeações foram indicadas, o Sr. Duarte de Sá e o Sr. Luiz da Costa Pereira. O primeiro já foi nomeado, e é de esperar, que também o segundo, o seja brevemente. A escolha foi acertadissima, como se verá pelos resultados.

A escóla da arte dramatica é um assumpto que merece ser tratado, e enctaremos a proxima chronica, aventurando sobre elle algumas considerações, pois n'esta já nos falta espaço para as apresentar.

Agora permittam-nos os leitores que dediquemos algumas linhas aos circos, que são o attractivo e o enlevo actual do publico lisbonense. Nem se diga que é assumpto este indigno da attenção de uma revista grave. Ha muita gente gravissima que vai aos circos, que ali se desfada algumas horas e que ri a bom rir dos chistes, cabriolas e motejos dos graciosos... que tem graça.

E depois, os circos são moda, e quem diz moda, diz capricho se quizerem, influencia ephemera talvez, mas em todo o caso influencia omnipotente. Que ha de pois fazer o chronista, senão reconhecer-lhe o imperio, e fallar do que todos vêem?

As solidões são proficuas á meditação, mas o chronista não tem a vocação do ermo, e não se inventou para prégar no deserto.

Sigamos portanto a corrente, enfileiremo-nos na turba, e entremos n'um circo.

N'um circo! Principia aqui a hesitação. Entrar n'um circo é coisa simples quando ha um só, mas quando ha dous! Qual escolher, qual preferir? O chronista já se vê, é imparcial como o juizo de Salomão. O chronista não tem partido, o chronista não tem predilecções.... Mas o chronista tem frio como qualquer mortal.

Isto posto, affastêmo-nos hoje do hypodomo Cinizelli... por causa da temperatura, e entremos no circo Price.



Bravo, Price! Bravo, Richards! Bravo, Meers! Bravo, irmãos Rizzarelli! Bravo, jovial Whitoyne. Estamos bem aqui. Temos luz, temos gymnastica difficil, temos raros equilibrios, como em politica, temos a conversação aventureosa, e sommado tudo, um espectáculo que passa como um turbilhão de evoluções hypicas, de saltos prodigiosos, de attitudes seductoras, tudo cortado de palmas entusiasticas, de musica mediocre... e de gentis volteadoras.

Oh! a proposito de volteadoras, demoremos um momento a attenção, leitor que vale a pena. Lá vem a joven irmã Monfroid, esbelta e graciosa, que já o anno passado arrebatava, e este anno captiva. Os seus progressos são evidentes e se os duvidaes, ide ver, e admirareis comnosco os grupos das tres sylphides, e a firmeza dos exercios no cavallo em pello.

Applaudis? applaudis com fervor, com empenho, com enthusiasmo? Suspendei um pouco, e applaudireis com frenesi e delirio. Entra na arena a gentil Adams. Diante d'aquelle garbo e correcção, diante d'aquelle arrojo que fascina, tudo o mais desaparece. Palmas e aclamações á temeraria artista! Todo o circo estremece, e estrepita, rompendo em salvas unanimes. Em Lisboa como em Paris, o acolhimento do publico não póde ser mais lisongeiro nem merecido. Vêde que rara elegancia! vêde que celeridade incomparavel! Não lhe sentireis uma só hesitação. Vence as maiores difficuldades com familiar indifferença.

Acabaremos, pois, dizendo... «Bravo Adams!» como dissemos bravo Price! ou antes repetiremos: «bravo Price! que tão bem sabes escolher os teus valentes artistas!

31 de dezembro de 1861.

ERNESTO BIESTER.